

REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO

dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

Alasca

Aventura em busca de aves e ursos

MATÉRIA DO MÊS

O que a plumagem das aves nos diz?

ESPECIAL

Aves de rapina da Espanha

FOTOGRAFIA

Blind, a alegria dos fotógrafos

EVENTOS

Avistar 2016

ESPÉCIES DO MÊS:

tovacas

OBSERVAÇÃO

tapaculo-serrano

MEU QUINTAL

Veja o quintal de Alberto Heredia

CONSERVAÇÃO

Monitoramento de maçarico-de-papo-vermelho

Edição 8 - Junho/2016





Olá leitor, como vai?

Desde a última edição, de março/abril deste ano, muita coisa aconteceu nesse Brasil, no campo político, econômico, social, e também no ambiental. Temos um novo Ministro do Meio Ambiente que nos traz alguma esperança de dias melhores para uma área tão carente de investimentos e proteção. Afinal, a

esperança não pode morrer, não é mesmo?

E como prova de que temos que acreditar, esse mês durante a 11ª edição do Avistar, foi anunciada uma das grandes notícias ornitológicas de 2016, senão a maior delas, a redescoberta da rolinha-do-planalto, *Columbina cyanopis*. E nesse caso, foi totalmente por acaso. O Brasil é um país de dimensões continentais, e sabemos que o apoio e investimentos à pesquisa são escassos, talvez se a situação fosse diferente, com mais pesquisas e pesquisadores de campo, a rolinha-do-planalto já tivesse sido descoberta antes... mas sempre é tempo de recomeçar, de fazer diferente. Nos resta acreditar e torcer por mudanças...

Acreditar é algo que o biólogo e guia Cal Martins faz sempre, e por conta da sua persistência e esforço, temos sido presenteados com descobertas muito interessantes. Muitos leitores já devem saber da sua descoberta do caburé-acanelado, anos atrás. Muito do que se sabe hoje sobre o comportamento da espécie é graças às observações e fotos feitas pelo Cal.

Dessa vez temos dois relatos muito interessantes, da sanã-de-cara-ruiva e saracura-lisa, ambas em Dourado, descobertas pelo Cal. As duas espécies são raramente registradas, e no caso da sana-de-cara-ruiva, a descoberta é ainda mais importante, por ser o primeiro registro para o estado de São Paulo.

Como eu disse anteriormente, nos resta acreditar e torcer por mudanças, e também por novas descobertas no campo ornitológico.

Boa leitura, grande abraço, e até a próxima!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br

Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



Siga a revista no
Facebook

facebook.com/RevistaPassarinhando



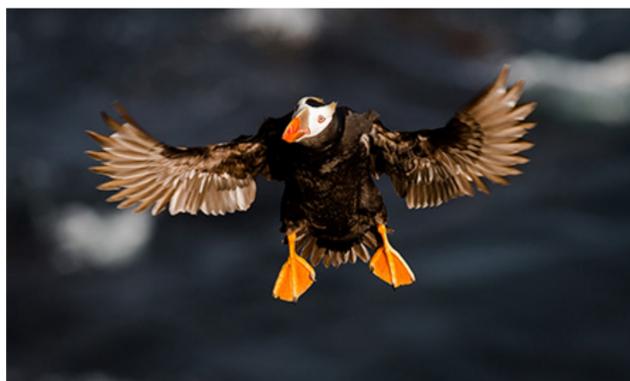
ESPECIAL

Aves de rapina da Espanha



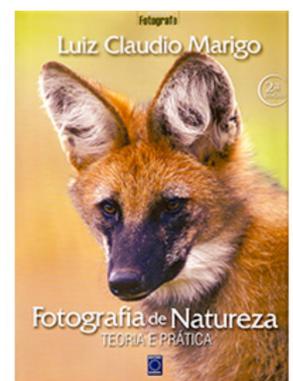
ESPÉCIES DO MÊS

tovacas



DESTINO

Alasca/EUA



BIBLIOTECA

Fotografia de Natureza



GALERIA DO LEITOR

Fotos dos nossos leitores



FOTOGRAFIA

Blinds



CONSERVAÇÃO

Calidris canutus rufa





#ilovealifer
www.maritacaexpeditions.com

MARITACA EXPEDITIONS

Promovendo observação de vida selvagem em ambientes naturais, no Brasil e no mundo.
Cursos de observação de vida selvagem para leigos e profissionais.
www.maritacaexpeditions.com FB- [maritaca turismo](#)

#ilovealifer
www.maritacaexpeditions.com



GALERIA DO LEITOR



Pitiguari / *Cyclarhis gujanensis*

Foto de Clodoaldo Junior | Manaus/AM

Local: Manaus/AM

Canon sx50hs | f/5.6., 1/160s, ISO 320, @158mm

"Um belo achado que obtive quando avistei esse ninho com um individuo dentro, e logo em seguida outro apareceu"



GALERIA DO LEITOR

Pariri / *Geotrigon Montana*, Fêmea

Foto de Vilde Florêncio | Joinville/SC

Local: Joinville/SC

Nikon D610, Nikkor 300mm f/4 | f/4, 1/100, ISO 1600, @300mm, 0EV

"Lindo colorido no escuro da floresta."



GALERIA DO LEITOR

topetinho-vermelho / *Lophornis magnificus*

Foto de Hudson Martins Soares | Itatiaia/RJ

Local: Penedo/RJ, 16/01/2016

Nikon D7100, Nikkor 300mm f/4 | f/4, 1/320, ISO 250, @300mm, 0EV

"Uma visita ao jardim mágico da amiga Márcia Cunha de Carvalho para apreciar o belo topetinho vermelho em seu dia de preguiça."



GALERIA DO LEITOR

mergulhão-caçador / *Podilymbus podiceps*

Foto de Patric Coelho | Osório/RS

Local: São Francisco de Paula/RS, 01/11/2015

Nikon D600, Nikkor 300mm f/4 | f/4, 1/3200, ISO 500, @300mm, 0EV

"Voltando de São Francisco de Paula, quem diria encontra-lo em um pequeno lago as margens da rodovia."



Na Espanha podem ser encontradas 35 espécies de aves de rapina, incluindo as corujas. Dentre essas, estão às famosas águias do Velho Mundo (gêneros *Aquila* e *Hieraeetus*), muito emblemáticas, comumente ilustradas em brasões de famílias nobres, reinos antigos, cidades e bandeiras de nações modernas.

A águia-real (*Aquila chrysaetos*) é a mais famosa delas, sendo considerada o protótipo básico de uma “águia”, normalmente exibida em documentários sobre a vida selvagem e filmes. Sua aparência é inconfundível, apresenta asas grandes e largas, cauda relativamente comprida, e coloração geral marrom, com a cabeça e pescoço marrom-claro quase dourado. De ampla distribuição, ocorre em várias regiões do hemisfério norte. Na Espanha, pode ser encontrada em qualquer área montanhosa acima de 500 m do nível do mar.

Uma das preciosidades do país é a águia-imperial-ibérica (*Aquila abalberti*). É uma das espécies mais cobiçadas pelos birdwatchers que visitam a Espanha, no entanto, observá-la na natureza não é fácil, pois trata-se de uma das aves mais ameaçadas da Europa, e uma das águias mais raras do mundo. Como seu próprio nome diz, é endêmica da Península Ibérica, encontrada em algumas poucas montanhas da Espanha e Portugal. O Parque Nacional de Monfrague, situado na província de Cáceres,



águia-imperial-ibérica, *Aquila abalberti*

é uma das poucas áreas em que a espécie ainda pode ser observada.

Muitas das aves de rapina da Espanha se reproduzem no país e são migratórias, depois fogem do inverno rigoroso migrando para o sul e o centro da África. Das águias migratórias mais comuns, destaca-se a águia-calçada (*Hieraeetus pennatus*), encontrada em ambientes florestais de norte a sul da Espanha, sendo comum observá-la planando sobre essas áreas. A águia-calçada é uma das menores águias da Europa, possuindo dimensões próximas ao nosso brasileiríssimo



águia-cobreira, *Circaetus gallicus*

gavião-de-rabo-branco (*Geranoaetus albicaudatus*). Apesar de pequena, é uma famosa e eficiente caçadora de aves, capaz de executar perseguições e mergulhos incríveis contra suas presas.

Outra espécie interessante é a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), assim chamada pela dieta preferencial de serpentes. Há quem diga que observá-la deglutindo uma serpente em voo, é um espetáculo único. Gosta de habitar áreas florestais, estepes e montanhas, às vezes registrada nos arredores de vilarejos e cidades pequenas.

Para os amantes de abutres, pelo menos quatro espécies são encontradas na Espanha. O mais comum é o

abutre-fouveiro (*Gyps fulvus*), residente, com ocorrência em todas as regiões do país. É comum observá-los nas horas mais quentes da manhã, quando abandonam seus poleiros e planam alto, quase sem bater as asas. Esses abutres são realmente grandes, com envergadura de asas que ultrapassam os 2,5 m, maiores que a maioria das águias conhecidas.

Outro simpático carniceiro é o abutre-do-egito (*Neophron percnopterus*), o menor dos abutres europeus, com tamanho comparável ao nosso caracará (*C. plancus*). É uma espécie frequentemente exibida em documentários da vida selvagem, famoso pela estratégia instintiva de manipular pedras com o bico para quebrar ovos de



abutre-fouveiro, *Gyps fulvus*



avestruzes. Em contraste, destaca-se o abutre-preto (*Aegypius monachus*) o maior representante da família *Accipitridae* do mundo, possuindo em média 120 cm de comprimento, envergadura de quase 3 metros, e peso de até 13 quilos. Esse gigante alado é também muito cobiçado pelos birdwatchers, já que na Europa sua ocorrência está restrita a pouquíssimas áreas montanhosas do oeste da Espanha e leste de Portugal. No Parque Nacional de Monfrague, encontra-se a maior colônia reprodutiva da espécie, com população estimada em 300 casais, sendo também um dos locais mais favoráveis a sua observação.

Nos centros urbanos o mais comum é o

peneireiro-das-torres (*Falco naumanni*). Seu porte e hábitos são similares ao nosso quiriquirei (*F. sparverius*), facilmente avistado pousado em torres de igrejas, telhados de casas e antenas. Já nos banhados e pântanos espanhóis é possível se deparar com o tartaranhão-dos-pauis (*Circus aeruginosus*). Lembra muito o nosso gavião-do-banhado (*C. buffoni*), também gosta de voar baixo, planando sobre essas áreas a procura de pequenos vertebrados. Possui distribuição ampla no Velho Mundo, encontrado em boa parte da Europa e Ásia, com deslocamentos migratórios para África, Índia e Oriente Médio. As populações encontradas na Espanha são residentes.



peneireiro-de-dorso-malhado, *Falco tinnunculus*



águia-calçada, *Hieraetus pennatus*

Entre as corujas, a mais emblemática é a bufo-real (*Bubo bubo*). É uma das maiores corujas do mundo, senão a maior, possuindo de 58-76 cm de comprimento, envergadura de quase dois metros, e peso de até 4,2 kg, justificando seu nome em inglês “coruja-águia da Eurásia” (Eurasian Eagle-owl). Assim como a maioria das corujas, a bufo-real raramente é vista durante o dia, o que torna sua observação bastante difícil. No entanto, essa espécie não é tão rara na Espanha, pode ser encontrada com regularidade em certos parques pelo interior do país. Entre os meses de Inverno (especialmente entre novembro e fevereiro), sua atividade vocal é mais intensa, o que facilita sua detecção. A mocho-galega (*Athene noctua*) é coruja mais fácil de observar na Espanha, já que é comum e tem hábitos parcialmente diurnos. O seu hábito de pousar em mourões de cerca e postes à beira de rodovias, torna os encontros ainda mais fáceis. Sua aparência é quase uma cópia da nossa coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), sem grandes diferenças.

Nas estepes, pradarias, nos parques urbanos e periferias de algumas cidades é possível registrar três lífers raríssimos no Brasil (diria que quase impossíveis) que são facilmente vistos na Espanha, o peneireiro-de-dorso-malhado (*Falco tinnunculus*), o milhafre-preto (*Milvus migrans*) e o esmerilhão-europeu (*Falco aesalon*). O peneireiro-de-dorso-malhado e o



peneireiro-das-torres, *Falco naumanni*

milhafre-preto (*M. migrans*) contam com um único registro em território brasileiro, ambos já foram registrados no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, localizado a cerca de 1.100 km da costa nordestina. São indivíduos errantes que saíram de sua rota migratória devido aos fortes ventos sudoestes, responsáveis pelo deslocamento de várias outras aves do Velho Mundo para os arquipélagos brasileiros. Já o esmerilhão-europeu (*F. aesalon*), conta com um registro antigo na costa da Bahia. Dessa forma, a melhor maneira de registrá-los é indo para a Espanha. ■



Há cerca de três anos, numa troca de e-mails entre os participantes de um grupo de birdwatching, surgiu uma interessante conversa sobre o aspecto psicológico implicado na prática de observação de aves.

Primeiro houve um relato de um dos amigos, contando a respeito de um menino autista que passou a frequentar a reserva Guainumbi, apresentando notável melhora em seu quadro psíquico.

Seguiram-se outras histórias de pessoas que têm um especial relacionamento com pássaros, histórias que suscitaram muitas opiniões sobre o curioso aspecto psicológico que caracteriza os observadores ou fotógrafos de aves. Uma das colegas, então, lançou o desafio: "Vocês têm alguma pista de por que dá prazer procurar, observar, fotografar, ouvir pássaros?". Várias opiniões, vários testemunhos muito interessantes apareceram, e acabei por manifestar também meu ponto de vista, que foi assim:

..."As pessoas são singulares, têm motivos, desejos e realizações diferentes. Mas com certeza encontraremos muitas coisas em comum num grupo como o nosso.

Possivelmente, somos todos amantes das aves, em tudo o que elas possam representar para cada um, particularmente: beleza, liberdade, leveza, invisibilidade, desafio, mistério... Quem de nós nunca sonhou estar voando? É um desejo tão ancestral! Também ancestral é nosso desejo de ser belos como elas, haja vista a quantidade de aves que foram e são abatidas para que suas plumas sejam usadas em adornos. E sua vocalização? Chamamos de "canto", pois são mesmo musicais! Outro encantamento para nós!

Somos caçadores, sim. Seja quando pensamos nelas como alimento, seja quando queremos suas plumas, seja

quando queremos aprisioná-las para que cantem só para nós.

Continuamos sendo caçadores, quando queremos capturá-las com nossas lentes e mostrarmos sua imagem a todos como um troféu, como uma prova de que elas existem mesmo, e que nós as vimos e as pegamos! Por isso nos embrenhamos nas matas, nos brejos, nas noites, nas madrugadas, vamos em busca da mais linda, da mais rara, da que nunca é avistada, da mais canora, da mais fugaz! Mas acho que ser caçador assim é um grande passo evolutivo para o Homem, não é mesmo?

Então, elas nos ajudam a nos tornarmos pessoas melhores, de alguma forma"... Ainda acredito nisto.

Acredito que na boa relação entre homens e animais

ambos saem ganhando. E que um dos ganhos é que os homens se humanizam no melhor sentido da palavra, ainda que seja um pleonasma.

Historicamente, sabemos que os homens trouxeram para perto de si alguns animais para facilitar sua vida. Usar animais domesticados como fonte de alimentos contribuiu muito para a evolução da espécie humana. Outros animais foram domesticados como proteção, como auxiliares na caça. E as aves canoras foram trazidas ao cativeiro para proporcionar prazer e relaxamento ao homem trabalhador exausto.

O contato próximo com as avezinhas aprisionadas permitiu que se descobrisse o quanto podem ser inteligentes, afetivas, humoradas, temperamentais... apaixonantes. Mais do que paixão, é preciso muito amor para abrir as gaiolas e libertá-las. Paradoxalmente, também observamos que as aves livres se permitem aproximar das pessoas que têm com a natureza uma relação amorosa, pois não se sentem ameaçadas.

Acredito que na boa relação entre homens e animais ambos saem ganhando. E que um dos ganhos é que os homens se humanizam no melhor sentido da palavra



Assim, contar com a aproximação confiante das aves livres requer um bom desenvolvimento de nossas melhores potencialidades: serenidade, pacifismo, generosidade, desprendimento...amor.

Ouvi, certa vez, um conto indígena (os índios, embora sejam predadores dos animais, ainda conseguem uma relação respeitosa, e até mágica, com a natureza) que muito me impressionou e que gostaria de compartilhar com os leitores da Revista Passarinhandando.

Faz parte da tradição oral dos makurap e conta a história de uma mulher índia e seu encontro com uma coruja.

A mulher apanhou muito do marido. Saiu para o mato com o irmãozinho e caminhou muitos dias, parando para descansar algumas vezes, em clareiras que ela mesma abria na mata. Um dia, chegou uma coruja cantando. A índia desejou que a coruja virasse homem para ser seu marido. A coruja ouviu e naquela noite transformou-se e falou com a moça, sugerindo que a seguisse, conforme emitisse seu canto. Assim foi. Passaram-se uns meses. A moça encontrou uma lagoa, banhou-se e ali se curaram todas as feridas de seu corpo, feitas pelo marido. Desde então, ninguém mais pode beber daquela água.

Conforme continuaram o caminho, o coruja foi virando homem. Já nem comia borboletas. Ele mostrou a ela onde havia muita taquara boa, na mata. Ela fez muitos cestos e se passaram muitos meses. Voltaram então para a aldeia da moça. Ela presenteou as cunhadas e a mãe com os cestos.

Foram bem recebidos pela família da moça, e o coruja participava de todos os festejos. Até a tribo da aldeia vizinha se interessou em saber onde se encontrava a taquara boa que também servia para fazer flechas.

Marcaram uma viagem para ir ao ponto da mata onde estava a taquara e o coruja os conduziu. O coruja, então, já era mais homem do que pássaro. O marido violento queria voltar a ter a moça e foi também. Na volta, fez uma flecha de três pontas e atirou no coruja. Ele soltou um gemido de homem. Já não era mais o pio da coruja.

A história termina assim. Certamente, como em todos os contos, o ouvinte ou leitor se impressiona com um ou outro aspecto, tem alguma interpretação pessoal, aprende algo, guarda uma impressão. A mim, o que tocou foi justamente o processo de cura pelo qual a moça passou desde que manifestou o desejo de ter o pássaro como companheiro. E num sentido simbólico, como a ave ganhou aspectos humanos neste acompanhamento.

Este é apenas um dos contos dos makurap em que um pássaro tem um importante papel. Muitos povos diferentes, em lugares e tempos diferentes, têm também suas histórias de homens e de pássaros.

Deixo aqui um convite ao leitor para que conte a sua. Pode nos enviar e faremos uma coletânea para futura publicação. ■

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapirai, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passarinar com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlosoares@online.de
site: www.salvefloresta.com



Muito além das aparências: o que a plumagem nos diz sobre as aves - I

Texto: Glayson Ariel Bencke

Entre as várias estruturas externas que procuramos observar em uma ave para poder identificá-la, a plumagem é a mais importante e informativa. Características como a coloração e a distribuição das cores, o padrão de marcas na plumagem ou a presença de manchas distintivas em partes específicas do corpo fornecem pistas valiosas e muitas vezes conclusivas sobre a espécie à qual uma ave pertence, especialmente quando utilizadas em conjunto com características estruturais, como o formato do bico, o tamanho da cauda ou o comprimento das patas.

No entanto, uma das primeiras coisas que qualquer observador ou fotógrafo de aves aprende é que uma mesma espécie pode apresentar não apenas uma, mas duas ou até várias plumagens diferentes, nem sempre sendo fácil reconhecer cada uma delas. A plumagem pode variar, por exemplo, de acordo com o sexo (dimorfismo sexual), os machos em geral exibindo uma coloração mais vistosa do que as fêmeas. Outro tipo de variação intraespecífica na plumagem, muito mais rara, é o polimorfismo, que ocorre quando os indivíduos de uma mesma população apresentam duas ou mais plumagens distintas (“morfos”), independentemente do sexo ou da idade. Em algumas aves de rapina, por exemplo, uma parcela da população é composta por indivíduos melânicos (morfo escuro), que vivem lado a lado com indivíduos de coloração normal (morfo claro).

A plumagem das aves também pode variar de acordo com a idade (variação etária) e com a fase do ciclo anual (variação sazonal). Essas mudanças na aparência externa que ocorrem até o indivíduo adquirir a plumagem definitiva ou ao longo do ano variam de sutis até muito pronunciadas e são a razão do uso de termos como “jovem”, “juvenil”, “subadulto”, “adulto”, “plumagem reprodutiva” e “plumagem de inverno”, às vezes ambíguos e nem sempre empregados de forma correta.

Porém, ao contrário do dimorfismo sexual e do polimorfismo, em que a variação na plumagem não é afetada pela troca periódica de penas que todas as aves

realizam, as alterações sazonais ou relacionadas à idade são quase sempre o resultado de mudas. A muda é o processo “programado” e sistemático de crescimento de penas, que ocorre em períodos definidos do ano, por meio do qual uma plumagem é adquirida ou substituída.

Um conhecimento básico sobre ciclos e estratégias de muda é essencial para compreender as mudanças que ocorrem ao longo do tempo na plumagem de muitas espécies de aves. A partir de uma base teórica mínima, o olhar atento sobre a plumagem pode fornecer uma quantidade surpreendente de informações que nos permitem estimar com razoável precisão a idade ou a classe etária de uma ave e determinar a fase do ciclo anual em que ela se encontra. A chave reside em desenvolver a habilidade de distinguir entre penas velhas e novas e entre penas juvenis e adultas, de interpretar padrões de desgaste da plumagem e de reconhecer limites de muda, ou seja, contrastes visíveis entre conjuntos de penas de gerações distintas que resultam de mudas parciais ou incompletas.

A “observação a partir da plumagem” (*birding by feather*) abre um novo universo de informações a ser explorado por observadores e fotógrafos de aves. A possibilidade de “enxergar” muito além das aparências e de saber mais detalhes sobre a ave que observamos ou fotografamos nos permite tirar mais proveito de nossas observações e nos coloca diante de novos desafios, além de levar a uma maior precisão na identificação dos registros. A atenção ao padrão e ao cronograma de muda também pode ajudar na diferenciação de espécies muito semelhantes entre si, como no caso de alguns trinta-réis migratórios. Além disso, a “leitura” da plumagem revela aspectos interessantes sobre o ciclo e as estratégias de vida das espécies.

Nesta série de artigos, abordarei o tema das plumagens das aves e a sua relação com os ciclos de muda de penas. O assunto é complexo e pressupõe um conhecimento mínimo sobre estratégias de muda e sobre nomenclatura dos principais grupos de penas,



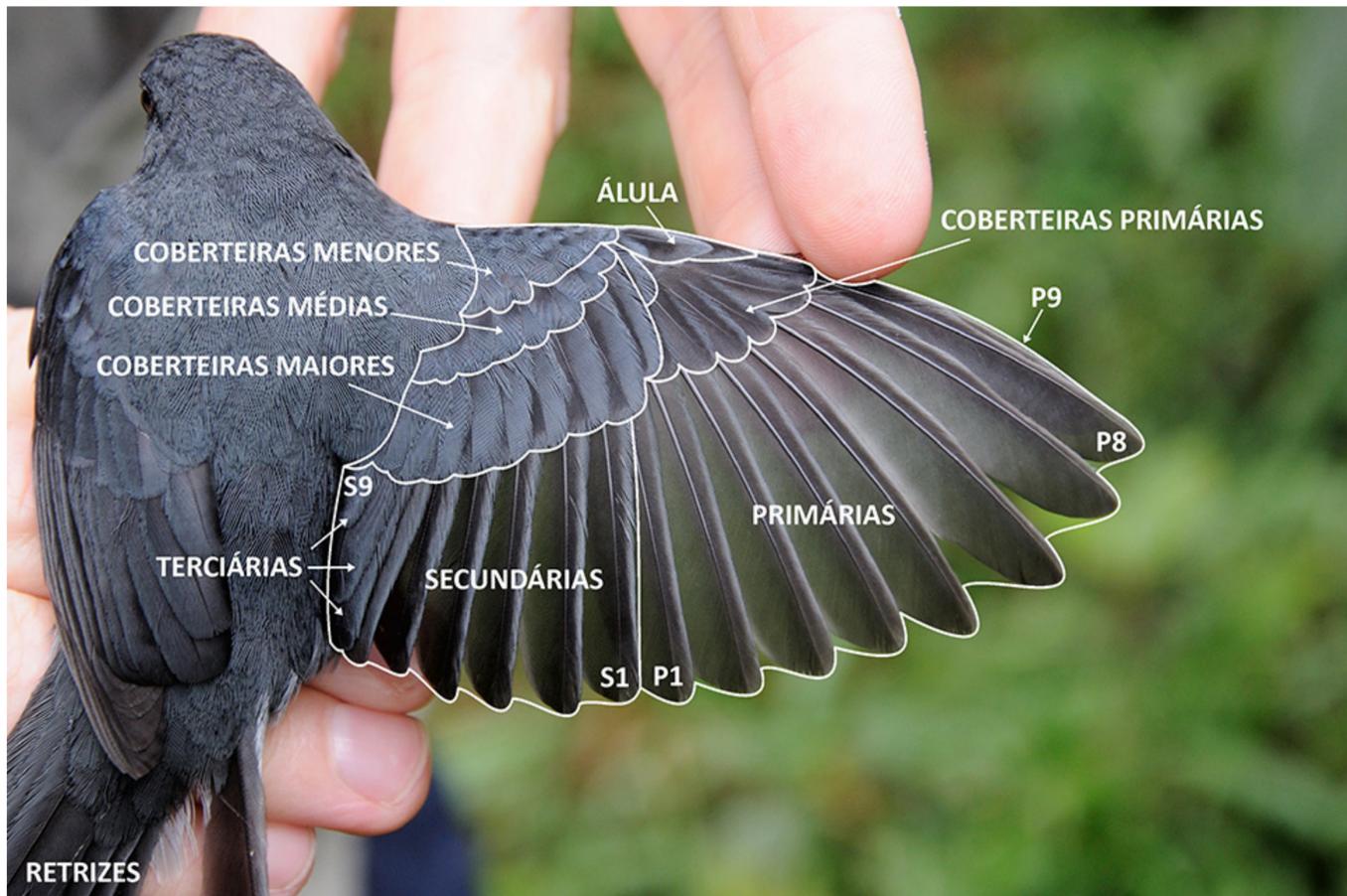


Figura 1. Os principais grupos de penas da asa de uma ave, mostrados em um passeriforme. As penas de voo incluem as primárias, secundárias, terciárias, coberteiras das primárias e retrizes. As primárias, secundárias e terciárias são coletivamente chamadas de rêmiges. As rêmiges são numeradas na ordem normal em que são substituídas durante a muda (centrífuga nas primárias e centrípeta nas secundárias), embora em gaviões e águias a muda das secundárias siga uma ordem diferente. Aves de rapina têm 10 primárias em vez de apenas nove, como neste macho adulto de cigarra-bambu (*Haplospiza unicolor*).

Foto: Glayson Ariel Bencke

especialmente das asas (Figura 1). Por isso, o objetivo é apresentar aqui apenas uma visão geral que possa servir como ponto de partida àqueles que quiserem se aprofundar no tema. Também é preciso ter em mente que sabemos muito pouco sobre os padrões de muda das nossas aves e que a maior parte do que sabemos (ou imaginamos saber) está baseado em estudos realizados em outros continentes.

Para introduzir algumas noções básicas sobre ciclos de muda e ilustrar o potencial do *birding by feather*, trago aqui exemplos de um grupo de aves que costuma gerar muitas dúvidas e impor verdadeiros desafios quando se trata de entender variações na plumagem: as aves de rapina. Vou começar com o exemplo de uma discussão real que se desenrolou no grupo virtual do Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre – COA-POA, em torno da fotografia de um sovi (*Ictinia plumbea*) divulgada

pela associada Helena Backes para anunciar a 82ª espécie registrada em seu quintal, em Porto Alegre, RS (Figura 2). A foto foi feita a grande distância e sob condições de luz desfavoráveis; por isso, não prima pela qualidade. Mas, mesmo assim, permite visualizar detalhes que nos dizem algo mais sobre a ave do que somente a sua espécie.

Sovis foram observados na capital gaúcha apenas recentemente. De outro modo, talvez esse registro não tivesse despertado interesse entre os associados do clube e o aspecto da ave pouco importaria. Mas, no contexto em que se deu, definir a plumagem da ave e entender o que isso significa passou a ser relevante para o grupo. Como pode ser visto na foto, a ave não está com a plumagem predominantemente cinzenta que caracteriza os adultos da espécie, a qual é mostrada noutra foto, tirada um

ano e meio antes por outro associado do COA-POA, também em Porto Alegre (Figura 3).



Figura 2. Sovi (*Ictinia plumbea*) em plumagem juvenil, fotografado em Porto Alegre, RS. Foto: Helena Backes

Vamos a algumas informações importantes. Todas as aves saem do ninho com a plumagem juvenil, que é o primeiro conjunto de penas que cresce após a fase de filhote ¹. Essa plumagem é chamada de básica I, ou primeira plumagem básica, adquirida pela ave por meio da primeira muda pré-básica, iniciada ainda no ninho. Eis aqui o porquê de não se definir muda simplesmente como a substituição de uma plumagem por outra, mas antes como um processo de crescimento ordenado de penas, pois, no caso da muda pré-básica I (também chamada de pré-juvenil), nenhuma plumagem anterior é substituída.

Em muitas aves, a plumagem juvenil é diferente da plumagem definitiva (aquela que dá à ave o aspecto de “adulto”). Aves de rapina menores adquirem a plumagem definitiva já com a segunda muda pré-básica, que ocorre quando a ave tem mais ou menos um ano de idade. Essa muda é completa, ou seja, envolve todas as penas,

inclusive as de voo. A partir dessa muda, o aspecto da ave não mais se altera e ela segue realizando uma muda pré-básica completa por ano, geralmente após a reprodução (nas fêmeas podendo iniciar ainda durante a incubação).

Já no caso de rapinantes maiores, podem ser necessários vários ciclos de muda (vários intervalos de mais ou menos um ano entre duas mudas pré-básicas consecutivas) para adquirir a plumagem definitiva. Frequentemente, essas aves não trocam todas as suas penas de voo a cada ano (ou seja, a muda pré-básica é incompleta). Isso acontece porque uma única rêmige primária pode levar até dois meses para crescer e não haveria tempo suficiente para substituir todas as penas de voo em um único ciclo anual. Mas, deixemos este assunto para mais adiante, quando falarmos da muda em ondas nos grandes rapinantes. Agora vamos voltar ao sovi.

A maioria das aves de rapina, independentemente do tamanho, tem ainda uma muda extra inserida no meio do primeiro ciclo, ou seja, ao longo do seu primeiro ano de vida. Essa muda é chamada de pré-formativa e gera a plumagem formativa. Ela varia em extensão, mas nunca é completa. Frequentemente, só parte das penas do corpo são substituídas e nenhuma pena de voo.

Porém, em algumas espécies menores, a muda pré-formativa é mais extensiva e pode envolver grande parte ou todas as penas do corpo (e até mesmo algumas penas de voo, no caso do gavião-peneira, *Elanus leucurus*). No sovi norte-americano (*Ictinia mississippiensis*), essa muda é extensiva e a maioria ou todas as penas juvenis do corpo são substituídas pela plumagem formativa, sendo retidas apenas as penas de voo. Nessa espécie, a plumagem formativa é muito similar ou idêntica à definitiva, o que quer dizer que a ave já passa a ter o aspecto de adulto após a muda pré-formativa.



Figura 3. Sovi (*Ictinia plumbea*) adulto (em plumagem definitiva), fotografado em Porto Alegre, RS.

Foto: Jorge Correia Neto

¹ Sim, sim, eu sei... Os filhotes das aves nidífugas ou precociais, como as saracuras, marrecas e batuáras, saem do ninho ainda com a penugem natal e adquirem a plumagem juvenil fora do ninho. Mas, por ora, vamos deixar essa informação de lado, pra não complicar as coisas logo de início.





Figura 4. Juvenil de sovi (*Ictinia plumbea*). Note o aspecto fresco e uniforme da plumagem, com todas as penas parecendo ter a mesma idade, e a presença de coloração ferrugínea nas primárias.

Foto: Jair Gilberto Kray

O mesmo acontece com o quiri-quiri (*Falco sparverius*) e com a maioria dos *kites* (sovi, gavião-peneira, gavião-tesoura, etc).

Como o padrão da plumagem do sovi fotografado no quintal da Helena não é o de um adulto, pode-se deduzir que, até então, ele não havia passado pela muda pré-formativa. Outro claro indício de que se tratava de uma ave de primeiro ciclo (= primeiro ano) é o aspecto uniforme das penas de voo e da cauda, todas parecendo ter a mesma idade. A única ocasião em que todas as penas de uma ave crescem ao mesmo tempo é durante a muda pré-juvenil (pré-básica I), quando ela ainda está no ninho.

O flagrante ocorreu no início de abril, o que significa que a ave nasceu na primavera anterior (do contrário, estaria com outra plumagem) e, portanto, tinha uns cinco meses de idade quando foi fotografada. Notem que o sovi apresenta a coloração ferrugínea nas primárias já na plumagem juvenil (Figura 4), o que pode ser comprovado em aves jovens que ainda não saíram do ninho.

Não se sabe em que momento do primeiro ano de vida de um sovi ocorre a muda pré-formativa. Como a espécie

é migratória no sul do Brasil, a ave fotografada em Porto Alegre presumivelmente estava apenas de passagem ou prestes a iniciar sua migração para o norte. É possível que essa muda ocorra somente na região onde os sovis gaúchos passam o inverno (Amazônia?). Nesse caso, os indivíduos jovens sairiam do Rio Grande do Sul com a plumagem juvenil no início do outono e retornariam em setembro já com a plumagem formativa, muito similar ou idêntica à de um adulto, mas com as penas de voo juvenis retidas. Seria muito interessante verificar se, nas áreas onde os sovis meridionais passam o inverno, é possível diferenciar aves juvenis migratórias das residentes com base no calendário de muda! Mais uma pergunta que a ciência cidadã pode ajudar a responder...

Bem, a essa altura você já concluiu que o nome de cada muda começa com o prefixo “pré-”; que o termo seguinte corresponde à plumagem que ela origina (pré-juvenil, pré-básica I, etc); que nem toda muda é completa, sendo importante conhecer a sua extensão; que cada muda pré-básica define o início de um novo ciclo de muda; que nem toda ave que ainda não adquiriu o aspecto de adulto pode ser chamada de jovem ou juvenil; que o aspecto de adulto pode ser adquirido antes de a ave atingir a maturidade sexual e que a plumagem definitiva corresponde àquilo que normalmente chamamos de plumagem adulta. Vale reforçar, ainda, que o período desde o crescimento das primeiras penas no filhote (primeira muda pré-básica) até o início da segunda muda pré-básica (na idade aproximada de um ano) corresponde ao primeiro ciclo de muda, que é seguido pelo segundo ciclo, e assim por diante. E que a muda pré-formativa só ocorre no primeiro ciclo, após o qual as aves de rapina realizam apenas uma muda por ano. Depois desta rápida revisão, estamos prontos para seguir em frente.

Já vimos que aves de rapina de grande porte podem completar vários ciclos de muda antes de adquirirem a plumagem definitiva (até cinco ou mais nas espécies maiores, mas geralmente menos). A cada muda pré-básica, essas aves adquirem uma plumagem





Figura 5. Juvenil de águia-serrana ou águia-chilena (*Geranoaetus melanoleucus*), ave com menos de um ano de idade. A plumagem é nova (sem desgaste aparente) e tem aspecto uniforme, pois todas as penas tem a mesma idade. As secundárias e as retrizes têm as pontas nitidamente acuminadas, diferindo das penas adultas, que tem a ponta truncada. A extensa placa clara no peito é outra característica da plumagem juvenil nessa espécie, assim como a cauda mais longa em relação à dos adultos.

Foto: Jefferson Silva

sendo substituídas na sequência normal (da P1 à P10, no caso das primárias), o que acontece é que somente um certo número de primárias internas e algumas secundárias acabam sendo substituídas durante a segunda muda pré-básica (aquela que acontece quando a ave atinge mais ou menos um ano de idade, lembram?). A interrupção da muda gera um claro limite de muda entre as penas juvenis retidas, mais velhas e desbotadas, e as penas definitivas recém-crescidas, mais novas e pigmentadas. Muitas vezes, as penas juvenis e as definitivas também diferem no formato, as juvenis sendo um pouco mais longas e pontudas do que as definitivas (Figura 5).

Esse limite de muda persistirá até o próximo ciclo, que começa cerca de um ano depois, com a terceira

diferente da anterior, até chegarem à definitiva, originando as várias plumagens de imaturo que conhecemos para diversas espécies. Notem que, quando não sabemos a idade de uma ave com precisão, os termos imaturo (a) e pré-definitivo (a) são preferíveis a jovem e juvenil, que são corretamente empregados somente para designar aves em sua primeira plumagem básica.

Mas, como encontrar alguma ordem nessa complexa e confusa sucessão de plumagens? O segredo está em interpretar limites de muda nas rêmiges, especialmente nas primárias. Como visto anteriormente, as mudas pré-básicas das aves de rapina maiores, com exceção da pré-juvenil, são incompletas, ou seja, envolvem a substituição de todas as penas do corpo, mas apenas parte das penas de voo. Como as rêmiges continuam

muda pré-básica. Porém, nesse momento, não só a substituição das primárias será retomada a partir do ponto onde foi interrompida na muda anterior, mas também uma nova onda de muda será iniciada simultaneamente na P1 (Figura 6). Após a substituição de mais algumas penas de voo, a muda é interrompida até o ciclo seguinte. Nesse ponto, quando a ave já está no seu terceiro ano de vida, é comum que as duas ou três primárias mais externas ainda sejam juvenis, sendo possível identificar, no restante das primárias, duas ondas de muda, uma iniciada no final do primeiro ano de vida e outra no final do segundo ano. As penas juvenis serão as mais desgastadas e desbotadas, ao passo que as demais apresentarão, dentro de cada onda, gradações sutis de desgaste e descoloração que denunciam a sequência em que foram substituídas.





Figura 6. Imaturo de águia-serrana (*Geranoaetus melanoleucus*) em sua terceira muda pré-básica, com cerca de dois anos de idade: primárias P6 a P10 velhas (juvenis); P5 crescendo como continuação da primeira onda de muda, interrompida na P4 na muda pré-básica anterior, e P1 despontando no limite com as secundárias, marcando o início da segunda onda de muda nas primárias. A águia parece juvenil, com exceção da coberteira. Note que as coberteiras das primárias mudam junto com as respectivas primárias, o que é perceptível pela diferença de cor entre penas novas e retidas.

Foto: Renato Rizzaro

Na muda pré-básica seguinte, uma terceira onda começará novamente na P1 e as outras duas prosseguirão do ponto onde foram interrompidas, até que, eventualmente, todas as penas juvenis sejam substituídas. Daí em diante, as ondas de muda seguirão um padrão semelhante pelo resto da vida da ave, mas já não mais será possível estimar a sua idade, pela ausência de penas juvenis que sirvam de referência (Figura 7). Vale lembrar que as penas do corpo mudam ao mesmo tempo em que as penas de voo, de modo que se pode estabelecer uma relação entre a idade da ave (em anos ou ciclos) e a respectiva plumagem.

Esse padrão de muda em ondas (*stepwise molt*), em que duas ou mais “frentes” de substituição de penas avançam

simultaneamente nas primárias, permite que duas ou mais penas cresçam ao mesmo tempo sem originar grandes “buracos” nas asas, que poderiam comprometer o voo. Com isso, mais penas são substituídas em um único ciclo do que seria possível em uma muda sequencial normal. A muda em ondas ocorre principalmente em Accipitriformes de grande porte que habitam áreas abertas, assim como em outros grupos de aves com asas longas, como os atobás, biguás e garças. Importante destacar que o padrão de muda está sujeito a variação dentro de uma mesma espécie. Alguns indivíduos podem levar mais tempo para atingir a plumagem definitiva do que outros, especialmente as fêmeas, que geralmente são maiores. Também o número de penas de voo substituídas em cada ciclo pode variar.

Interessantemente, o padrão de muda das penas de voo nos falcões e carcarás é diferente e representa uma alternativa ao problema de evitar a formação de buracos nas asas durante a muda: a primeira pena a cair é a P4, a partir da qual a muda avança simultaneamente para dentro e para fora. Esse padrão diferenciado é uma das razões pelas quais os falcões têm sido historicamente classificados em um grupo taxonômico distinto dos gaviões e águias.

No próximo artigo da série, veremos as quatro estratégias básicas de muda e sua relação com as mudanças sazonais da plumagem em alguns grupos de aves. Até lá! ■



Agradecimentos. Sou grato a Jefferson Silva, pelo convite para escrever esta série de artigos e pelo auxílio na obtenção das fotos; a Adriano Becker, Helena Backes, Jair Kray, Jefferson Silva, Jorge Correia Neto e Renato Rizzaro, pela cessão das fotos que ilustram esta matéria; a Patrick Colombo, pela preparação da Figura 1, e a todos os colegas do COA-POA, pela parceria, amizade e estímulo.

Glaysen Ariel Bencke é ornitólogo do Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, e membro do Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre, COA-POA.



Figura 7. Gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*) em plumagem definitiva, mostrando vários limites de muda na asa, resultantes do padrão de muda em ondas das rêmiges (*stepwise molt*). Como nenhuma pena de voo parece ser juvenil, não é mais possível estimar a idade deste indivíduo e presumivelmente ele está, pelo menos, em seu quarto ciclo (quarto ano de vida); a plumagem do corpo, claramente de adulto, é condizente com esta interpretação. Uma onda recente de muda avançou da P1 à P4; uma onda adicional, também recente, presumivelmente substituiu as primárias mais externas, que parecem novas e devem ter sido trocadas mais ou menos simultaneamente com as primárias internas; a onda que substituiu da P5 até pelo menos a P8 é mais antiga (o maior desgaste dessas penas em relação às primárias externas é perceptível na asa direita). É bastante evidente a diferença de pigmentação entre grupos de penas de diferentes ondas e entre penas de diferentes idades dentro de uma mesma onda. Note que este indivíduo não está mudando de penas. Só é útil interpretar limites de muda quando a ave não está mudando a plumagem; durante a muda, além de sempre haver justaposição de penas novas e velhas, não é possível saber em que ponto ela será interrompida.

Foto: Adriano Becker

Passarinho cantando, cheiro de mato e aquele ar frio vindo da montanha... Esse é o cenário do quintal que trago nessa edição da revista passarinhando. Esse quintal fica lá na Serrinha do Alambari, comunidade situada na Serra da Mantiqueira, mais precisamente na cidade de Resende/RJ. Seus habitantes, além das aves, são Alberto Heredia e sua esposa Tania.

A comunidade da Serrinha do Alambari fica na encosta leste do Parque Nacional de Itatiaia, na região do famoso pico das agulhas negras, ponto culminante do estado do Rio de Janeiro. A história de colonização da região é antiga, provém da época áurea da produção de café no município de Resende, onde a floresta nativa, naqueles tempos, foi intensamente suprimida para dar espaço às plantações. O tempo se passou e o mau uso do solo, junto à falta de mão de obra nas lavouras, contribuiu para o declínio da cafeicultura regional. Muitos produtores migraram para outras regiões e assim, aos poucos, as enormes fazendas foram sendo desmembradas em propriedades menores. Com o passar dos anos, muitas



tiê-de-topete (macho), *Lanio melanops*

dessas áreas foram se regenerando naturalmente e hoje é notável a presença de mata secundária com aspecto de primária.

A população que hoje mora na Serrinha, preocupada com a preservação da região, conseguiu juntamente ao ministério público, a criação

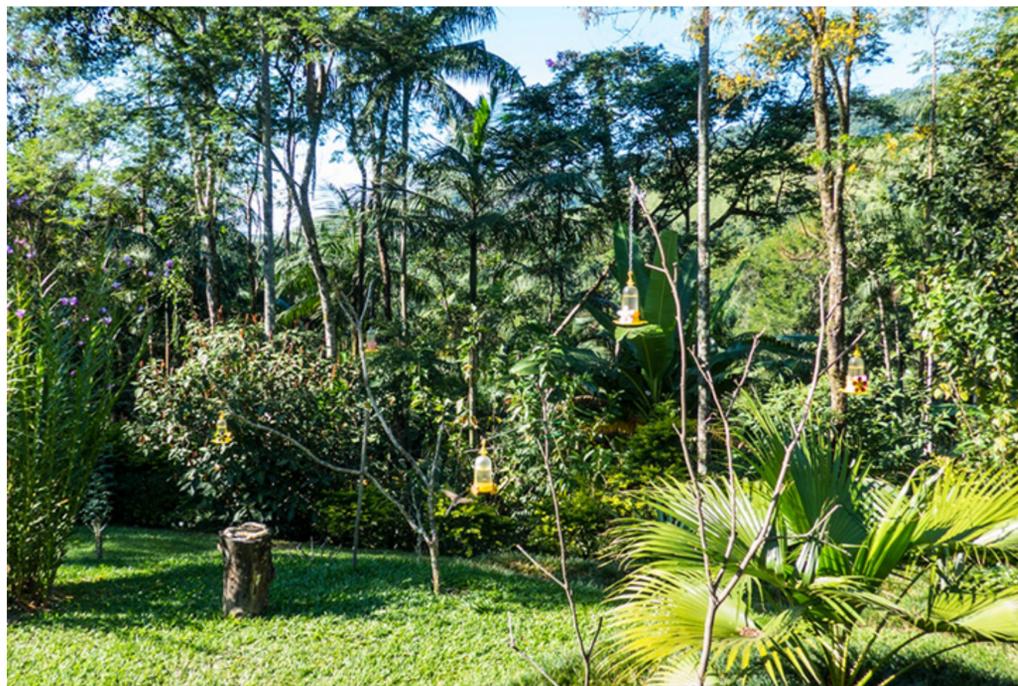


de uma APA, área de proteção ambiental, abrangendo as comunidades da Serrinha e Capelinha, protegendo a parte alta das microbacias dos rios Alambari e Pirapitinga.

Alberto, que morou e trabalhou a vida toda em São Paulo, conheceu a região em 1997, quando foi acampar por lá no seu *motor home*. Apaixonou-se de tal forma pelo local que após três anos comprou então uma propriedade de 4.000 m² na Serrinha, e iniciou a reforma da casa que hoje mora com a esposa. Alberto é designer industrial e atualmente é aposentado. Natureza e fotografia sempre foram presentes em sua vida, mas somente começou a passarinhar efetivamente em 2013.

Você, com sua cabeça de passarineiro, deve estar se perguntando porque Alberto demorou tanto para começar a passarinhar morando em um lugar como esse, certo? É que Alberto é aventureiro, e na mesma época que comprou a propriedade na Serrinha do Alambari, comprou também um veleiro na cidade de Angra dos Reis/RJ. Alberto passava parte do tempo morando no veleiro e essa atividade, como ele mesmo me contou, consumia boa parte de seu tempo e de seus recursos financeiros. Com a venda do veleiro, nosso amigo procurou então outra atividade de lazer e encontrou nos passarinhos um novo hobby.





Quintal de Alberto Heredia

Na época em que Alberto e Tania compraram a propriedade na Serrinha (ano de 2000) a casa, assim como o jardim, era bastante rústica. Fizeram então uma reforma na casa e começaram a remodelar o jardim. Tania fez até um curso de paisagismo no Senac apenas para essa finalidade. Substituíram algumas árvores exóticas por outras nativas, e plantaram algumas frutíferas. Tiveram o cuidado de preservar uma boa parcela do terreno com mata nativa. Com esses cuidados, as aves passaram a frequentar o entorno da casa.

Alberto me contou que possui duas grandes árvores conhecidas popularmente por cinamomos que atraem muitas aves, quer como alimento quando há frutos, ou como abrigo para ninhos de algumas espécies.

Além da vegetação presente por todo o quintal, Alberto sempre coloca frutas e sementes em comedouros que construiu para alimentar as aves, e as flores do quintal atraem beija-flores diversos. Há um grande gramado em torno da casa, e as árvores e arbustos estão distribuídos pelo gramado. Para passarinho no quintal, Alberto se senta confortavelmente à sombra enquanto aguarda os pássaros aparecerem nos comedouros. Na maioria das vezes nosso amigo passarinho sozinho em seu quintal, mas sempre conta com a inestimável ajuda dada pela audição apurada de Tania, que o avisa sempre que ouve



saí-azul (macho), *Dacnis cayana*

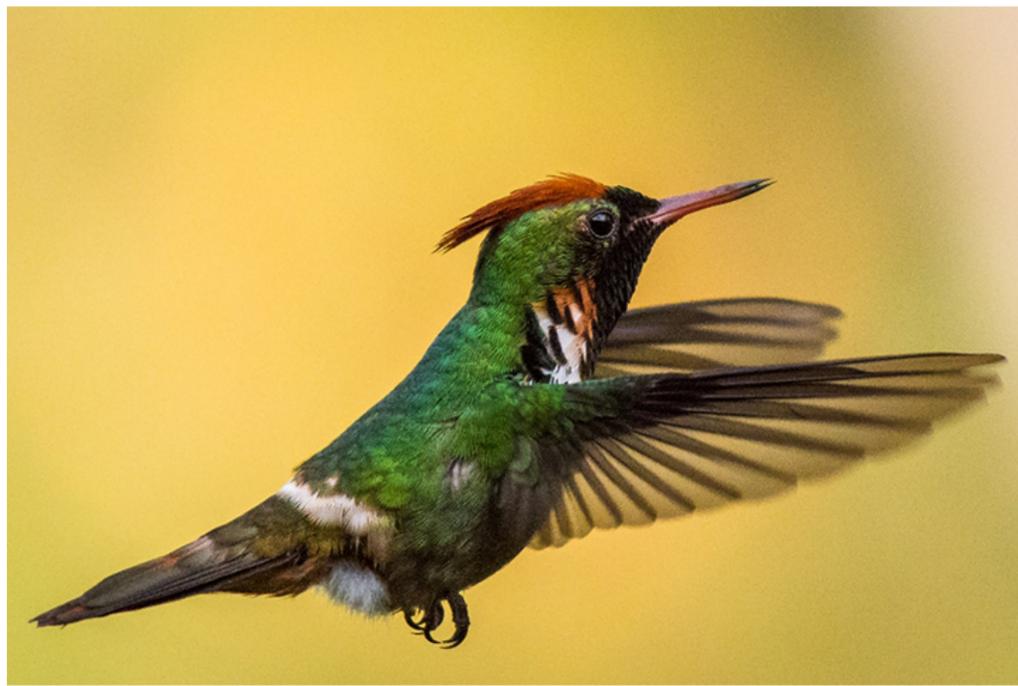
alguma vocalização diferente.

Depois que começou a passarinho no seu quintal e expor suas fotos nas redes sociais, Alberto, assim como todo bom passarinho, fez inúmeras novas amizades, e me contou espantado que não tinha a ideia de que haviam tantos observadores de aves no Brasil.

“Hoje em dia recebo frequentemente amigos passarinhos aqui em casa, quando então o ambiente fica 'profissional': roupas camufladas, equipamentos de gravação e *playback*, câmeras sofisticadas com super teles, tripés gigantescos e troca de experiências e informações, invadem o meu quintal... ah, e tem sempre um gostoso cafezinho que a nossa hospedeira não deixa faltar”.

Alberto e Tania estão sempre incluindo novas espécies de plantas no quintal para atrair as aves, e o fato da propriedade estar situada em uma APA, só aumenta a preocupação do casal em utilizar sempre espécies nativas.

O comedouro do quintal de Alberto sempre está abastecido de banana e mamão para as aves, tanto é que uma família de ávidos jacuaçus se acostumou a encontrar ali alimento abundante. O problema é que quando eles chegam quase não sobra para as aves menores. Foi ai então que o Alberto desenvolveu o que



topetinho-vermelho (macho), *Lophornis magnificus*



tucano-de-bico-verde, *Ramphastos dicolorus*

ele chama de "gaiola ao contrário". É uma espécie de proteção feita com malhas suficientemente largas para permitir que os pássaros menores entrem e saiam livremente no comedouro, mas que impede o acesso dos esfomeados jacuaçus ao alimento. Dessa forma, Alberto preserva o alimento dos pequenos, enquanto acostuma os jacuaçus a se alimentarem em outro ponto do quintal.

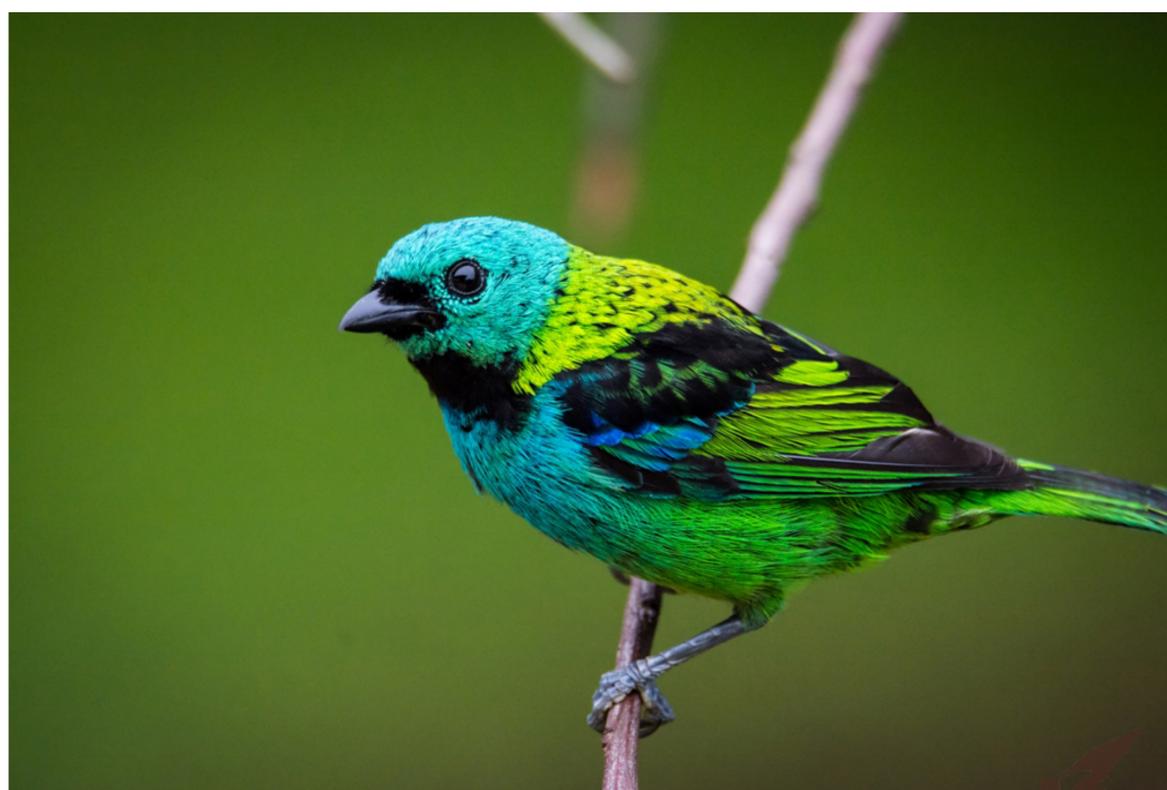
Alberto não é daqueles que fazem lista das aves observadas, mas durante nosso bate-papo, foi me dizendo quais lembrava de ter visto no seu quintal, a lista é muito boa: tucano-de-bico-verde; tucanuçu;

araçari-banana; surucuá-variado; choca-da-mata; japu; guaxe; fogo-apagou; pavó; canário-da-terra; chopim; tico-tico; saíra-sete-cores; saíra-amarela; saí-azul; tiê-sangue; tiê-de-topete; tiê-preto; maracanã-verdadeira; tiriba-de-testa-vermelha; rolinha; limpa-folha-de-testa-baia; trepador-coleira; bem-te-vi; bem-te-vi-rajado; arapaçu-verde; arapaçu-de-bico-curvo; sabiá-laranjeira; sabiá-barranco; sabiá-una; pica-pau rei; pica-pau-anão; sanhaço-do-coqueiro; sanhaço-de-encontro-amarelo; ferro-velho; saracura-do-mato; jacuaçu; maritaca; maria-cavaleira; cambacica; viuvinha; lavadeira-mascarada; saíra-douradinha; gavião-bombachinha, gavião-pernilongo,

gavião-pega-macaco e gavião-carijó.

Os beija-flores: preto; fronte-violeta; tesoura; banda-branca; peito-azul; rabo-branco-acanelado; rabo-branco-garganta-rajada; topetinho-vermelho; estrelinha-ametista; banda-branca-de-bico-reto; veste-preta; rubi; orelha-violeta; bochecha-azul; papo-branco.

Obrigado Alberto por nos contar um pouquinho de sua vida, da paixão pelas aves e pela natureza e por oferecer alimento e morada ai no seu quintal para várias espécies de aves que tanto amamos! ■



saíra-sete-cores, *Tangara seledon*

Nessa edição falaremos sobre o gênero *Chamaeza*, pertencente à família *Formicariidae*. No Brasil ocorrem quatro espécies: *Chamaeza campanisona*, *C. meruloides*, *C. nobilis* e *C. ruficauda*. São conhecidas popularmente por tovacas. Restrito à América do Sul, o gênero *Chamaeza* possui ainda mais outras duas espécies que ocorrem fora do Brasil, são elas *C. turdina* (Venezuela) e *C. mollissima* (Peru e Bolívia).

São aves discretíssimas, daquelas que o observador raramente consegue ver com clareza na mata, pois a coloração das tovacas, suas listras e estrias, misturam totalmente essas aves com o sub-bosque, ambiente em que vivem. Além disso, elas evitam o contato com a luz direta, dificilmente atravessam trilhas ou clareiras dentro da mata. Deslocam-se em total silêncio pela serrapilheira e só são flagradas quando vocalizam.

O canto das tovacas é super potente, e está entre os mais impressionantes, são constituídos de sequências geralmente ascendentes que nos dão a impressão que a ave vai explodir.

As tovacas não possuem dimorfismo sexual. As espécies *C. campanisona* e *C. meruloides* são consideradas crípticas, ou seja, são espécies extremamente parecidas em sua morfologia, mas que estão isoladas reprodutivamente. Nas espécies crípticas, as semelhanças físicas são tão grandes que as espécies só divergem em aspectos genéticos e bioquímicos. Para ter uma ideia, a espécie *C. meruloides*, foi desmembrada de *C. campanisona* há pouco tempo.

Preferem forragear solitários no substrato procurando por artrópodes, minhocas e sementes. Nidificam geralmente próximos do solo, e seus ninhos possuem o formato de taça. Essa taça é construída por material seco em depressões na serrapilheira ou dentro de ocos de troncos caídos. Os ovos são quase esféricos com coloração branca pura.

A dificuldade de observação das aves do gênero *Chamaeza* em seu ambiente natural contribui de certa forma para a falta de conhecimento e informações sobre as espécies. Alguns observadores de aves do Brasil estão revolucionando a forma de observar e fotografar o comportamento das aves do gênero *Chamaeza* com a utilização dos chamados *blinds*, que são esconderijos construídos estrategicamente em locais dentro da floresta. O *blind* tem o mesmo papel da coloração das tovacas, é construído com materiais que camuflam o observador no ambiente, o que permite a aproximação das aves. Nessa edição, a Revista Passarinando traz uma excelente reportagem sobre esse assunto.

Chamaeza campanisona

Conhecida por tovaca-campainha, possui 19 centímetros e pesa em média 69 gramas. Possuem as pernas compridas e dedos relativamente curtos. As partes superiores são pardo-esverdeadas, possui uma faixa branca bem marcada em cima dos olhos. O rabo possui uma faixa terminal branca. Partes inferiores de cor branca amarelada com estrias negras. As pernas são esbranquiçadas.



tovaca-campainha, *Chamaeza campanisona*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Deslocam-se em total silêncio em zigue-zague no sub-bosque da floresta, com o corpo abaixado e cauda arrebitada. Realiza voos curtos e baixos, pode ficar empoleirada perto do solo para cantar. Seu canto consiste em uma sequência de assobios que vão subindo aos poucos e terminam em coaxos roucos.

Alimenta-se de artrópodes que encontra ciscando na serrapilheira. Também come sementes e minhocas.

Seus hábitos reprodutivos são pouco conhecidos, sabe-se que faz seus ninhos em depressões no solo da mata com extrema habilidade para camuflá-los. Em 2015, com a ajuda de um *blind*, constatou-se que o indivíduo adulto alimenta o filhote no bico, até esse estar “bem criado” com aparência de adulto.

Ocorre nos estados do Ceará e Alagoas e na região entre o sul da Bahia ao Rio Grande do Sul. Também na Colômbia, Guiana, Venezuela, Equador, Peru, Bolívia,

Paraguai e Argentina.

Chamaeza meruloides

Popularmente é chamada de tovaca-cantadora. Fisicamente, é extremamente parecida com a espécie descrita anteriormente. Pode ser distinguida de *C. campanisona* pela ausência da faixa terminal de cor branca na cauda e por possuir “bochechas” mais claras. Como essas diferenças são difíceis de serem observadas em campo, podemos separar as duas espécies especialmente pelo canto, que em *C. meruloides* é composto por assobios crescentes sem que terminem em coaxos.

Hábitos alimentares e reprodutivos muito parecidos com os da tovaca-campainha.

Ocorre somente no Brasil, do Espírito Santo a Santa Catarina.



tovaca-cantadora, *Chamaeza meruloides*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Chamaeza nobilis

Conhecida por tovaca-estriada. É a maior representante do gênero no Brasil, medindo 22 centímetros. Dentre as quatro espécies do gênero que ocorrem no Brasil, é a menos conhecida. Hábitos alimentares e reprodutivos muito parecidos com os da tovaca-campainha.

Ocorre na Amazônia, ao sul do rio Amazonas nas florestas de terra firme. Também ocorre na Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.

No WikiAves, há apenas um registro fotográfico, no município de Itamarati/AM, feito em 2012, e três registros sonoros, feitos em 2000 no município de Alta Floresta/MT, 2002 Itaituba/PA e 2003 novamente em Alta Floresta/MT.

Chamaeza ruficauda

É conhecida popularmente por tovaca-de-rabo-vermelho. Mede 20 centímetros. Muito parecida com *C.*

campanisona e *C. meruloides*, difere-se destas por apresentar as partes superiores da plumagem mais ruiva. Geralmente ocorrem em altitudes superiores aos 1000 metros até os 2200 metros. Sua vocalização é composta por uma estrofe curta de assobios ascendentes.

Assim como as outras aves do mesmo gênero, também ciscam pela serrapilheira da mata atrás de insetos, aranhas e sementes.

Recentemente um ninho de *C. ruficauda* foi encontrado no Parque Nacional dos Orgãos no estado do Rio de Janeiro e descrito pela primeira vez. O ninho estava em uma cavidade natural de uma árvore a cinco metros do solo. Nele, continha dois ninhegos já bem desenvolvidos, e os pais os alimentavam em conjunto.

C. ruficauda é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo do nordeste do Rio de Janeiro ao nordeste de São Paulo. E do sul de São Paulo ao Norte do Rio Grande do Sul. Também na Argentina. ■



tovaca-de-rabo-vermelho, *Chamaeza ruficauda*

Brasileiro ganha Medalha de Prata em concurso internacional de fotografia

Paulo Guerra, fotógrafo de natureza, natural de Jaú, no interior paulista, ganhou a Medalha de Prata na categoria *Nature Prints*, no concurso de fotografia do Salão Digifocus, que faz parte do 2nd FIP Grand International Circuit 2015 (Índia).

A foto, obviamente belíssima, é de um tuiuiú, e foi feita na Lagoa Seca, no município de Bariri/SP, em 03 de outubro de 2014.

Além da medalha de prata, a foto também teve 23 aceitações em Concursos e Salões com patrocínio da FIAP (Fédération Internationale de l'Art Photographique) e pela Photography Society of America (PSA).

A Revista Passarinando parabeniza Paulo Guerra pela maravilha de fotografia, e pela conquista internacional, e agradece a gentileza de ter cedido a foto para publicação e apreciação pelos leitores! ■



Global Big Day 2016 bate números do evento anterior

Pelo segundo ano consecutivo o mundo realizou o Global Big Day, 24 horas de observação de aves ao redor do planeta.

Ne edição de 2015 foi registrado um total de 6158 espécies de aves, em mais de 130 países. Esse ano os números foram ainda maiores.

Como pode ser visto no site eBird, [em 2016 foram 146 países participantes](#), que juntos registraram 6304 espécies de aves, através de 45628 listas submetidas ao site.

O Brasil melhorou ligeiramente seus números, saindo de 1125 espécies em 2015 para 1129 em 2016, porém com menos listas que no ano anterior, ficando novamente em 2º lugar. O Peru foi o país campeão em registros, pela segunda vez, com um total de 1242 espécies registradas, 57 a mais em relação às 1185 de 2015.

Os gráficos ao lado apresentam dados para os 10 primeiros países. O primeiro mostra número de espécies registradas, o número total de espécies do país, e a porcentagem das espécies registradas. Veja que os Estados Unidos são o país com o maior percentual de espécies registradas no evento, o que é garantido pelo altíssimo número de observadores que saíram a campo para participar da contagem. No segundo gráfico é possível ver a diferença no número de listas submetidas pelos americanos ao site eBird, quando comparado a qualquer outro país. O segundo país em número de listas enviadas foi o Canadá, com 4399 listas que registraram 387 espécies, seguido da Austrália, com 1032 listas para 490 espécies.

É importante ressaltar que, além dos dados científicos gerados por essas informações, o fato de termos tanta gente em campo ao mesmo tempo retrata o crescimento da observação de

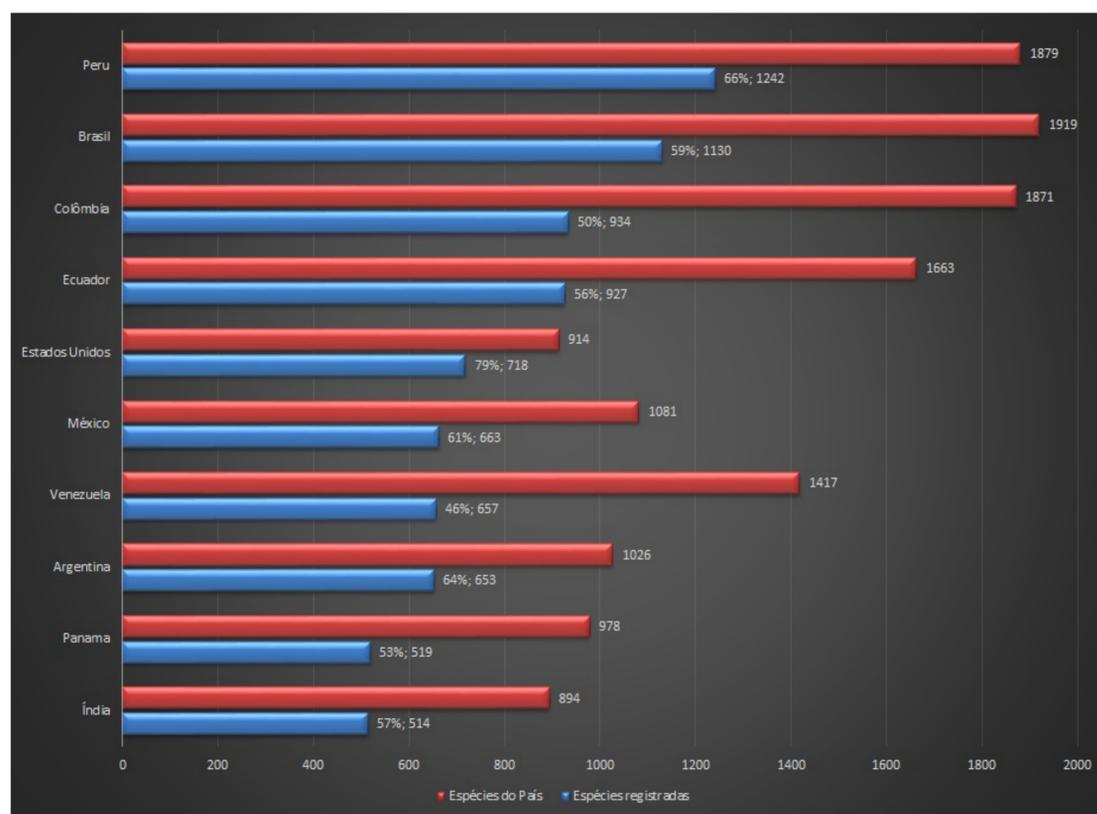


Gráfico de número de espécies

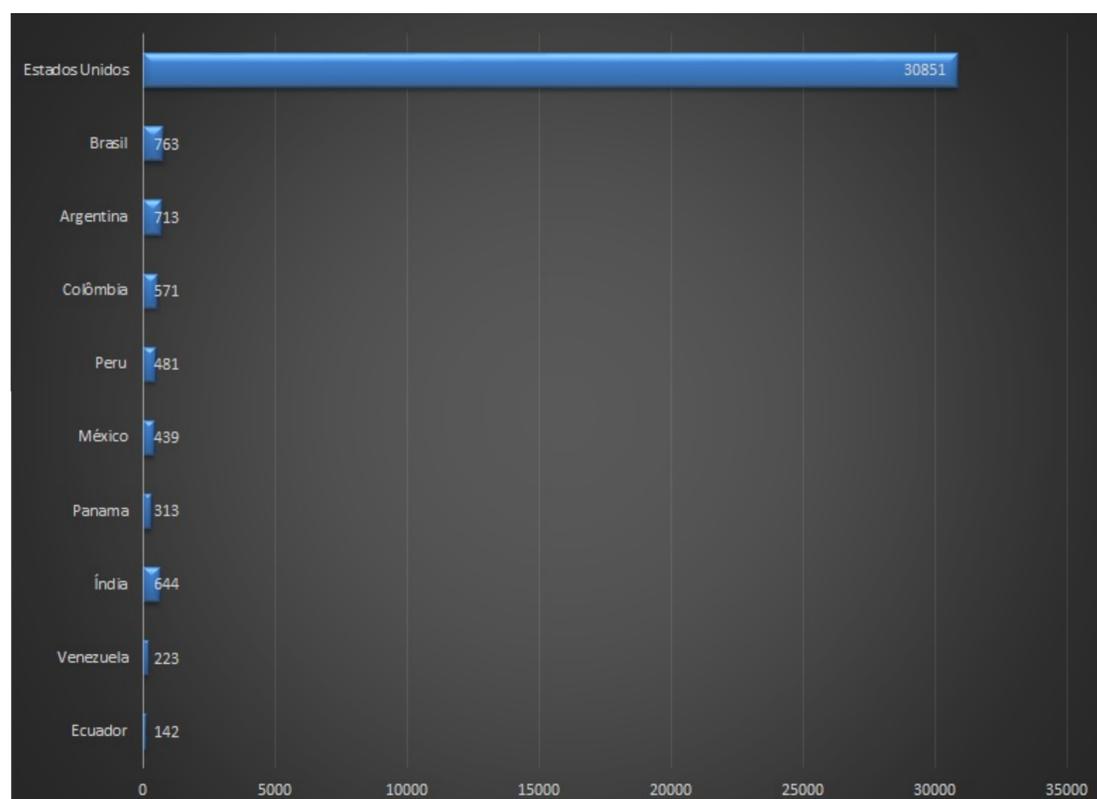


Gráfico de número de listas

aves no mundo. Os grupos espalhados nas áreas rurais, parques, praças, etc despertam atenção do público para as aves. E o envolvimento de cada vez mais pessoas em causas ambientais é uma forma de aumentarmos a pressão para a conservação ambiental. ■



No mês de março passado, no município de Dourado, no estado de São Paulo, foi avistado um indivíduo de saracura-lisa (*Amaurolimnas concolor*). A espécie em questão pertence à família *Rallidae*, na qual estão inseridas as saracuras, sanãs, galinhas-d'água, pintos-d'água, frangos-d'água e carquejas.

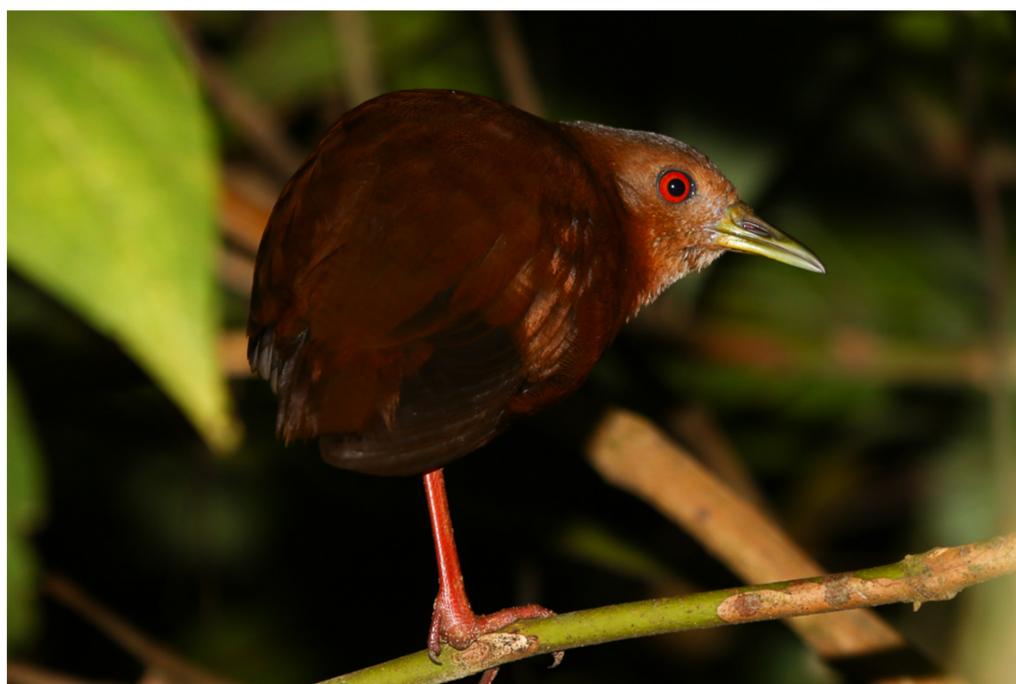
saracura-lisa, *Amaurolimnas concolor*

Foto: Jair Gilberto Kray

Amaurolimnas concolor geralmente mede entre 20 e 25 cm, possui cabeça e ventre marrom-avermelhados e dorso marrom. No Brasil ocorrem em florestas úmidas, pântanos, brejos, beiras de manguezais e de riachos, especialmente em áreas com folhas mortas e com presença de helicônias, de lírio-do-brejo e de falso-jaborandi.

A espécie geralmente possui local de forrageamento distinto da área dormitório. As áreas de forrageamento geralmente são mais abertas, enquanto que as áreas dormitórios são áreas com vegetação mais densa, garantindo assim melhor proteção contra predadores.

A saracura-lisa é uma espécie difícil de registrar, pois vocaliza pouco durante o dia, entretanto costuma vocalizar sempre no mesmo horário no final da tarde e início da manhã. Embora seja bastante arisca, permite uma boa aproximação desde que o observador esteja bem camuflado e se desloque em silêncio.

As fotos desta matéria foram realizadas no mês de abril, na parte crepuscular, por volta das 19h, quando ela estava empoleirada em um emaranhado de galhos de falso-jaborandi (*Piper sp.*), o que tornou o registro ainda

mais difícil, em virtude dos galhos e folhas que encobriam o indivíduo, dificultando sua visualização livre de obstáculos.

A observação e o registro desse espécime em Dourado foi possível graças ao guia local Cal Martins, que monitora a avifauna na região, e conhece bem o habitat da ave.

No estado de SP, a espécie só foi registrada em mais 10 cidades, sendo que 4 só com registros sonoros. ■

saracura-lisa, *Amaurolimnas concolor*

Foto: Jair Gilberto Kray



Primeiros registros da sanã-de-cara-ruiva para o Estado de São Paulo

Os primeiros registros (sonoros e fotográficos) da sanã-de-cara-ruiva (*Laterallus xenopterus*) no Estado de São Paulo foram recentemente feitos pelo biólogo e guia Cal Martins na cidade de Dourado, localizada no centro do estado.

A espécie, que está ameaçada e é atualmente classificada como “Vulnerável” na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), pode habitar campos cerrados e campos sujos úmidos ou inundados.

Devido à sua raridade, poucos estudos existem e seus

hábitos e comportamentos são praticamente desconhecidos, mas supõe-se que esta espécie seja altamente dependente de um tipo de micro-habitat muito específico formado por capim natural denso e uma fina lâmina d'água (CASTRO, V.G. New records of the Rufous-faced Crane, *Laterallus xenopterus* in Brazil and observations about its habitat. Revista Brasileira de Ornitologia, 22, 57-61. March 2014).

A sanã-de-cara-ruiva é endêmica do Cerrado e sofre de perda de habitat devido à degradação desse bioma devido principalmente à agricultura. ■



sanã-de-cara-ruiva, *Laterallus xenopterus*

Foto: Norton Santos

Pipira-azul (*Cyanicterus cyanicterus*) avistada na Torre do MUSA

Um importante registro foi feito recentemente na Torre de Observação do MUSA (Museu da Amazônia), em Manaus/AM. Um indivíduo da espécie Pipira-azul (*Cyanicterus cyanicterus*) foi observado nas copas das árvores nas imediações da torre de 42 metros de altura.

Essa espécie, que parece ser naturalmente rara e que foi poucas vezes observada na natureza, ocorre no Norte da Amazônia, no Brasil, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa e vive na copa de árvores frutíferas. É a única representante do gênero *Cyanicterus*. ■



Pipira-azul, *Cyanicterus cyanicterus*

Foto: Norton Santos

Águia pescadora frequenta parque urbano na cidade de Campinas/SP

A águia-pescadora, *Pandion haliaetus*, não é um bicho raro, pelo contrário. Ocorre praticamente no mundo inteiro. Mas não é toda hora que esbarramos com uma.

E não é que uma águia resolveu passar uma temporada em um parque urbano, em uma das maiores cidades paulistas, Campinas/SP?

De acordo com registros do WikiAves, desde fevereiro deste ano a águia tem sido fotografada no Parque Ecológico Hermógenes Leitão Filho, no distrito de Barão Geraldo, onde também fica a UNICAMP, uma das maiores universidades brasileiras. Já são diversos registros no site, entre fevereiro e maio. Anteriormente, a

cidade tinha três registros da espécie no WikiAves, um do colaborador da revista, Jefferson Otaviano, todos de 2009.

Grande ave de rapina, a águia-pescadora mede de 55 a 58 centímetros de comprimento, envergadura de até 2 metros e peso que pode chegar a 1,2kg.

Até a data da escrita desse artigo, o último registro da espécie, no site WikiAves, é de 28 de maio. Como a ave é migratória, é possível que logo retorne para o hemisfério Norte. Restará torcer para que a espécie possa voltar o ano que vem, para alegria dos observadores de aves. ■



Pássaro cubano é avistado nos EUA

Continuação

Não foram só os humanos que se beneficiaram com o fim das sanções impostas pelos EUA a Cuba, as aves também.

Brincadeiras a parte, o pássaro *Vireo gundlachii*, uma ave Cubana, foi avistada nos EUA pela primeira vez em abril deste ano.

Diversos observadores rumaram para o local, Key West, que fica no extremo sul da Flórida.

De acordo com o site americano KeysNote,  até o famoso Sandy Komito, observador de 84 anos que registrou 745 espécies em um ano, nos EUA e Canadá, e que inspirou o filme "The Big Year", viajou para o local,

para testemunhar o aparecimento inesperado.

A distância que separa Cuba de Key West é de cerca de 140 km. E tem um detalhe: os dois locais são separados pelo mar do caribe!

Uma pesquisa no site eBird mostra que já há diversos registros do bicho em solo americano, inclusive com diversas fotos, porém em um período curto de tempo, do dia 19 de abril ao dia 24.

A foto abaixo é de Mark Hedden, que atua como guia na região, e foi o primeiro a fazer o registro da ave. Mark cedeu gentilmente a foto para publicação na Revista Passarinhandando. ■



Cuban vireo, *Vireo gundlachii*

Foto: Mark Hedden / markhedden.com

Você conhece o primeiro parque nacional Brasileiro? É Parque Nacional de Itatiaia, criado em Junho de 1937, localizado no município de Itatiaia/RJ. Muitos passarinhos brasileiros e estrangeiros visitam o parque anualmente, em busca de suas mais de 370 aves. E lá temos um guia que conhece muito bem a região, Hudson Martins Soares, o guia desta edição.

Quando e como começou sua relação com as aves / natureza?

Meu pai tinha muitos pássaros em gaiola quando eu era adolescente e sempre me levava quando ia caçar, desde então já fui me familiarizando com as aves, mas foi só em 2010 que iniciei na observação e fotografia de aves quando o Geraldo Lauria me apresentou o site Wikiaves.

Quando começou a guiar observadores de aves?

Iniciei como guia *full time* quando pessoas me chamavam para guiá-las, então vi que não tínhamos guia local e quando vinha guia de fora o custo ficava alto pois teriam que pagar hospedagem e deslocamento.

Qual equipamentos você utiliza?

Eu comecei com uma compacta Nikon, uma L820 com zoom de 30x, depois passei por uma Nikon D90 com uma lente 70-300, atualmente utilizo uma Nikon D 7100 com uma lente 300 F2.8.

Quais seus destinos principais, e por quê?

Os destinos principais em que atuo são as cidades de Resende/RJ, onde moro, Itatiaia/RJ e Itamonte/MG, (Parque Nacional do Itatiaia e Parque Estadual Pedra Selada), Areias/SP e São José do Barreiro/SP (Parque Nacional Serra da Bocaina).

Quais os principais roteiros seus nesses destinos para observação de aves? Como você organiza as guiadas (logística, número de dias, número de participantes, etc)? Que espécies podem ser encontradas?

O principal roteiro é o Parque Nacional do Itatiaia, que é o parque mais antigo do Brasil, sendo criado em 14 de

junho de 1937. O Parque Nacional se divide em duas partes distintas: a Parte Baixa, com acesso



no km 318 da Via Dutra; e a Parte Alta, alcançada através da BR-354, Rodovia Rio-Caxambu, no km 330 da Via Dutra em direção as cidades mineiras, e no local Garganta do Registro (divisa RJ/MG). O Parque é um dos melhores locais para observação de aves no Brasil, rico em Mata Atlântica e Campos de Altitude, sendo muito procurado por observadores e pesquisadores.

Na parte alta a passarinhada se inicia aos 1699 metros de altitude pela estrada que leva até a portaria do parque, são 17 km onde podemos observar muitas aves. As mais procuradas por observadores são a garrincha-chorona, o canelirinho-de-chapéu-preto e a saudade. Já na parte baixa que vai de 550m até 1400m podemos observar aves pela estrada, em trilhas e nos hotéis que mantem sempre comedouros com frutas onde podemos avistar facilmente os araçaris-banana, tietingas, saíras-sete-cores e outras aves bem coloridas.



saíra-douradinha, *Tangara cyanoventris*



araçari-banana, *Pteroglossus bailloni*



garrincha-chorona, *Asthenes moreirae*

Pelas trilhas podemos avistar aves como o papo-branco, o entufado e o papa-moscas-estrela que também são bem procuradas.

O ideal é fazer a passarinhada pelo Parque Nacional do Itatiaia em dois dias, um em cada parte.

O segundo roteiro compreende a Lagoa da Turfeira, Serrinha do Alambari, Capelinha e Visconde de Mauá que são distritos de Resende e fazem parte do Parque Estadual Pedra Selada. Neste roteiro podemos ver rapinantes como a águia-cinzenta, acauã, gavião-pega-macaco e o gavião-pernilongo. Outra ave bem procurada é a araponga com seu canto estridente, pela lagoa da turfeira podemos avistar o caboclinho, coleiro-do-brejo e a narceja.

A serra da Bocaina também é um roteiro bem atraente pela facilidade de encontrarmos aves ao longo da estrada que leva até a portaria do parque. Pelos 27 km podemos avistar diversas aves dentre elas destaque o vira-folha, trovoada-de-bertoni e o cabecinha-castanha.

As guiadas podem ser feita de 1 a 6 dias, onde vai depender de cada cliente e de suas listas de lifers. O ideal é fazer o primeiro dia a parte baixa do parque do Itatiaia, o segundo dia fica por conta da parte alta, o terceiro dia fica dividido entre serrinha do Alambari, Capelinha e Visconde de Mauá e o quarto dia a Serra da Bocaina e deixamos 2 dias para voltar a algum dos

roteiros anteriores.

Quando o cliente tem apenas um dia dividimos a passarinhada entre o parque Nacional do Itatiaia (parte alta e baixa).

Quanto ao número de observadores o ideal é de no máximo 3, mas também trabalho com grupos maiores quando solicitado.

Qual foi sua maior emoção vivida durante uma passarinhada, e por quê?

Eu creio que a maior emoção sempre está por vir. Mas uma coisa que me alegra muito é encontrar novas espécies para as regiões onde faço as guiadas.

Qual espécie é seu sonho de consumo?

Fotografar a harpia aqui no Itatiaia sei que é quase impossível de acontecer, mas a esperança nunca morre... ■

Informações de contato

Hudson Martins Soares

<http://hudsonmartin3.wix.com/birdwatching> 

<https://www.facebook.com/passarinhandonasagulhasnegras/> 

(24) 99813-2022

(24) 3381-6175

Email: guianasagulhasnegras@gmail.com



CLUBE DE OBSERVADORES DE AVES DE CAMPO GRANDE (COA-CGR)

Texto: COA CGR. Fotos: Gleidson Melo



A observação de aves em ambientes naturais proporciona uma relação mais próxima do homem com a natureza. O interesse pela observação de aves, como forma

de lazer teve suas origens no século XVIII, focada principalmente nas coletas para comporem coleções pessoais e museus (PIVATTO e SABINO, 2007). A prática de observação de aves contempla a busca da sintonia do homem com o meio ambiente. Além de ser extremamente prazerosa, consolida-se como uma valiosa ferramenta para o conhecimento da Biologia e Ecologia das aves (OLIVEIRA e THOMAZ, 2014). Por suas características, é uma atividade que agrega valores para a conservação de espaços verdes, como Unidades de Conservação, parques, praças, jardins e até mesmo os quintais das nossas casas.

O Brasil é o país do Novo Mundo com o maior número de aves endêmicas (GWYNNE et al., 2010). E, segundo os dados do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, constam da lista brasileira, o registro de 1.919 espécies (PIACENTINI, 2015). Inserido no contexto do birdwatching, no cenário nacional e internacional, Campo Grande é uma das capitais do Brasil com potencial de referência para o desenvolvimento dessa atividade, devido à rica diversidade de espécies de aves.

Benites et al. (2014) destacam que a observação de aves cumpre diversas finalidades, dentre elas, para fins educativos, recreativos, profissionais e terapêuticos, independente da faixa etária e reforçam que a atividade se sobressai por oportunizar a participação ativa na conservação da vida no planeta.

O Clube de Observadores de Aves de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, foi criado com o propósito de agregar valores à prática de observação de aves livres na natureza. Portanto, não é uma instituição pública, empresa ou organização não-governamental. Os membros do COA-CGR investem na conservação de aves, por meio da observação e do conhecimento das diversas espécies. Surgiu da iniciativa de criar um grupo de observadores de aves, durante o curso de “Capacitação para Condução de Observadores de Aves” realizado em agosto de 2012, em Campo Grande.

Atualmente, o Clube conta com 986 membros cadastrados, com perspectivas para ampliação desse número, devido à divulgação das atividades realizadas e da criação de eventos de observação de aves nas diversas localidades de Campo Grande e ambientes do Cerrado e Pantanal.

Vale destacar que alguns Clubes de Observadores de Aves têm como objetivo principal, o de estreitar o envolvimento de amadores e profissionais, objetivando a troca de informações, por meio de reuniões e encontros esporádicos entre os membros e associados (SIGRIST, 2014). Seguindo esta tendência, o COA-CGR reúne



Região de Rochedinho/MS

Foto: Fernando Hassessian



Observação no Centro de Educação Ambiental Imbirussu
Campo Grande/MS



Passarinhada na APA do Córrego Ceroula
Campo Grande/MS

esforços para a realização de observação de aves nas áreas verdes de Campo Grande e do estado de Mato Grosso do Sul, a fim apresentar e destacar a oportunidade de conhecer e reconhecer a vocação desses espaços para a conservação de aves.

Com a crescente criação de comunidades na internet e de aplicativos para smartphones, com propósitos de reunir pessoas com objetivos afins, a observação de aves vem ganhando cada vez mais adeptos no Brasil e no mundo. Assim, o COA-CGR aderiu desde a sua criação, como canal de comunicação, o serviço da rede social “Facebook”, disponível no link <https://www.facebook.com/groups/coavcg>.

A arte de observar aves está relacionada à percepção, que talvez constitui o principal elemento que conduz à descoberta da riqueza das aves e de outros elementos naturais que nos rodeiam (BENITES et al., 2013). Observar aves também pode contribuir para a proteção de espaços verdes urbanos e de pequenas e grandes Unidades de Conservação, cujo maior patrimônio natural é a biodiversidade. Entretanto, vale destacar que a alteração das paisagens naturais pelo homem tem se tornado uma constante, quase em sua totalidade, até mesmo nos pontos mais longínquos do país (SICK,

1997). Esta é uma realidade que perdura até os dias atuais e merece maior atenção das políticas públicas para a busca de soluções sustentáveis.

Além de ampliar o quadro de membros, o COA-CGR vem conquistando espaço nas questões de conservação das aves. Assim, em um esforço conjunto com o Instituto Mamede de Pesquisa Ambiental e Ecoturismo, o Instituto Arara Azul e diversos colaboradores, participou da consolidação para a eleição da arara-canindé (Ara ararauna) como Ave-símbolo de Campo Grande, publicada conforme a Lei Municipal nº 5.561, de 15 de junho de 2015. Além disso, contribuiu com a realização dos eventos AVISTAR MS 2013 e AVISTAR MS 2014.

Por fim, a observação de aves está inter-relacionada à sustentabilidade ambiental e pode trazer benefícios, tanto para o enriquecimento do conhecimento sobre o ambiente natural, como também para a proteção e conservação das espécies. Desta forma, a criação de novos Clubes de Observadores de Aves reveste-se de fundamental importância, porque podem possibilitar e agregarem valores em prol da conservação das espécies de aves em seus ambientes naturais, promoção da Educação Ambiental e para a realização de novos estudos sobre a avifauna brasileira. ■





Campo Grande MS

Foto: Júlio Paro

Autores

1. MELO, G. A. P. Mestre em Ciências Biológicas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA); membro do Clube de Observadores de Aves de Campo Grande (COA-CGR).
E-mail: gandmelo@gmail.com.
2. MELO, M. R. S. Mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP); Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS); membro do Clube de Observadores de Aves de Campo Grande (COA-CGR).
E-mail: martamelors@gmail.com.
3. HATTORI, H. Guia de Turismo e de Observação de Aves, membro do Clube de Observadores de Aves de Campo Grande (COA-CGR).
E-mail: hiroyamomota@gmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENITES, M.; SEVERO-NETO, F.; MAMEDE, S.; PIVATTO, M. A. C.; FONTOURA, F.; HATTORI, H. Guia de Aves de Campo Grande - Áreas Verdes Urbanas. Campo Grande-MS: Progresso, 2013.
- BENITES, M.; MAMEDE, S.; NOVAES ILHA, I. M.; SEVERO NETO, F.; FONTOURA, F.; PIVATTO, M. A. C.; HATTORI, H.; LEMOS, M. A. Guia de Aves de Campo Grande - áreas verdes. Campo Grande, MS: ABF, 2014. 108 p.
- OLIVEIRA, M. S.; THOMAZ, T. K. Aves Pantanal Sul: Guia Fotográfico do Passo do Lontra. Campo Grande: Alvorada, 2014. 200p.
- PIACENTINI, V.Q.; A. ALEIXO, C.E. AGNE, G.N. MAURÍCIO, J.F. PACHECO, G.A. BRAVO, G.R.R. BRITO, L.N. NAKA, F. OLMOS, S. POSSO, L.F. SILVEIRA, G.S. BETINI, E. CARRANO, I. FRANZ, A.C. LEES, L.M. LIMA, D. PIOLI, F. SCHUNCK, F.R. AMARAL, G.A. BENCKE, M. COHN-HAFT, L.F.A. FIGUEIREDO, F.C. Straube & E. CESARI. 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Revista Brasileira de Ornitologia, 23 (2): 91–298.
- PIVATTO, M. A. C.; SABINO, J. O turismo de observação de aves no Brasil: breve revisão bibliográfica e novas perspectivas. Atualidades Ornitológicas, v. 139, 2007. p. 10-11
- SICK, H. Ornitologia Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912 p.
- SIGRIST, T. Guia de Campo - Avifauna Brasileira. São Paulo: Avis Brasilis. 4ª ed. 2014.



Bom, o Alasca... Só para começar, tudo lá é uma aventura!

Desde alces andando no meio da rua, até ficar em casa a noite para não topar com ursos polares onde fiquei. Não poderia sair nem para fotografar a Aurora Boreal!! “Ainda bem” que estava nublado e não deu para ver, senão eu teria um sério problema.

Dono de paisagens fantásticas, onde pode se ver baleias beluga na beira da estrada, é um Estado com montanhas altíssimas, geleiras milenares e vários tipos de vegetação, como a tundra, que não possui árvores.

Nossa aventura começou pela cidade de Seward, para fazer passeio de barco pela península do Alasca. O mar estava em fúria!! Só dava para ver o céu e o mar. Ainda bem que eu fiz treinamento no “barco Viking” do Playcenter. Metade do barco sentindo-se mal.

Mesmo assim, tivemos nosso primeiro encontro com a *Bald Eagle*, com os *Puffins* e com outras aves marinhas.

Depois partimos para Kodiak, pois queria pegar os ursos de subespécie endêmica de lá. Como o clima da ilha é muito instável, nos aconselharam a ficar pelo menos dois dias por lá, caso tivesse cancelamento do voo para ir



Polar bear, *Ursus maritimus*



atrás dos ursos. Foi um ótimo conselho, pois nosso passeio foi cancelado. Através do site *birdingpal*, contratei uma guia de observação de aves, a Donna Hurley, e ela nos levou para conhecer a ilha e as aves de lá.

Fiz minha melhores fotos da *Bald Eagle* bem em frente ao nosso hotel, pois tinha uma marina e aquele bitelo de ave ficava no mastro dos barcos, e de vez em quando alternava entre barcos, poste de luz e tocos de troncos. A Donna falou que são verdadeiras “pragas” na ilha, que um dia um cara tirou o lixo da casa dele, colocou na caçamba da caminhonete e no caminho para o lixão da cidade parou para fazer alguma coisa... Quando chegou,

tinha mais de 7 águias na caçamba, lixo espalhado para todo o lado e uma “alegria total”.

De lá, decolamos em um super avião anfíbio, que foi uma das experiências de vida mais legais. Partimos do aeroporto e pousamos na água!! Uma delícia a loucura. Mas mais legal ainda é a decolagem na água depois. Não dá para ver nada!!!

Pegamos os ursos no famoso *Katmai National Park*. O mais incrível de ir para Kodiak, é que você fica no solo com os ursos. Eles te olham, caçam o salmão na sua frente, um espetáculo que você não pode aplaudir, mas que eu adorava que uns “terceiros” comemoravam a pesca do peixe por nós. Cada vez que o urso levantava a



Black-legged kittiwake, *Rissa tridactyla* | Brown bear (*Ursus arctos*)

cabeça com um peixe, várias gaivotas e *kittywakes* começavam a vocalizar, comemorando que teriam comida, e eu achava isso o máximo. Elas gritavam por mim!

Aconselho a ir também para Brooks Falls, lugar que tem cachoeira e uma plataforma em frente a uma delas, e na época da piracema do salmão, é possível fazer aquelas fotos e vídeos maravilhosos dos peixes pulando na boca dos ursos. E lá somos recebidos, orientados e acompanhados pelos legítimos US Rangers, com estrela na lapela e chapéus, como no desenho do Zé Colméia.

Fomos para o Ártico atrás dos ursos polares e ver aqueles seres enormes, brincalhões, foi um dos momentos 10 mais da vida!

A cereja do bolo da viagem foi por conta da nossa operadora. Ela sugeriu que a gente fosse para St. Paul, uma das ilhas Pribilof, que é considerado o “Galápagos

do Hemisfério Norte”. Sugeriu porque falei do meu amor pelas aves. E realmente... Aves em grandes números e muitas espécies.

Adoro fotografar aves em beira de precipícios, e lá eu fiz a festa. Fora que encontrei uma toca de raposa e por lá me alojei e ficava esperando os *Puffins* chegarem para tentar pousar. Sim, eles são péssimos em pouso nas rochas. Era muito divertido ficar esperando as tentativas deles, e o meu sucesso nas fotos.

Quase larguei meu marido em plena lua de mel por um loirão de olhos azuis (*Tufted Puffin*). Eu poderia ficar o dia todo na minha toca, esperando os loirões chegarem para pousar. Outro *Puffin*, o *Horneted*, quase pousou ao meu lado, e pior, se não fosse tão ruim de pouso, teria pousado e ficado. Muito mansas essas aves. Não reclamavam nem quando outra queria ocupar seu espaço na pedra.



Bald eagle, *Haliaeetus leucocephalus*

Paraíso também para quem gosta de maçaricos, narcejas, batuíras, *shorebirds* em geral. Também tem muitos patos... Inclusive tenho planos de retornar para lá no final do inverno, início de primavera, para pegar todas as aves em plumagem nupcial. Só pelos patos merece um bis. Fora que disseram que enche de *Auklets* e outras aves de sonhos.

Está nos planos um retorno...

Se alguém tiver interesse em ir, contratei os serviços da www.exploretours.com

Optei por ir em setembro para conseguir fotografar todos os ursos, inclusive os polares, que não ficam acessíveis no verão.

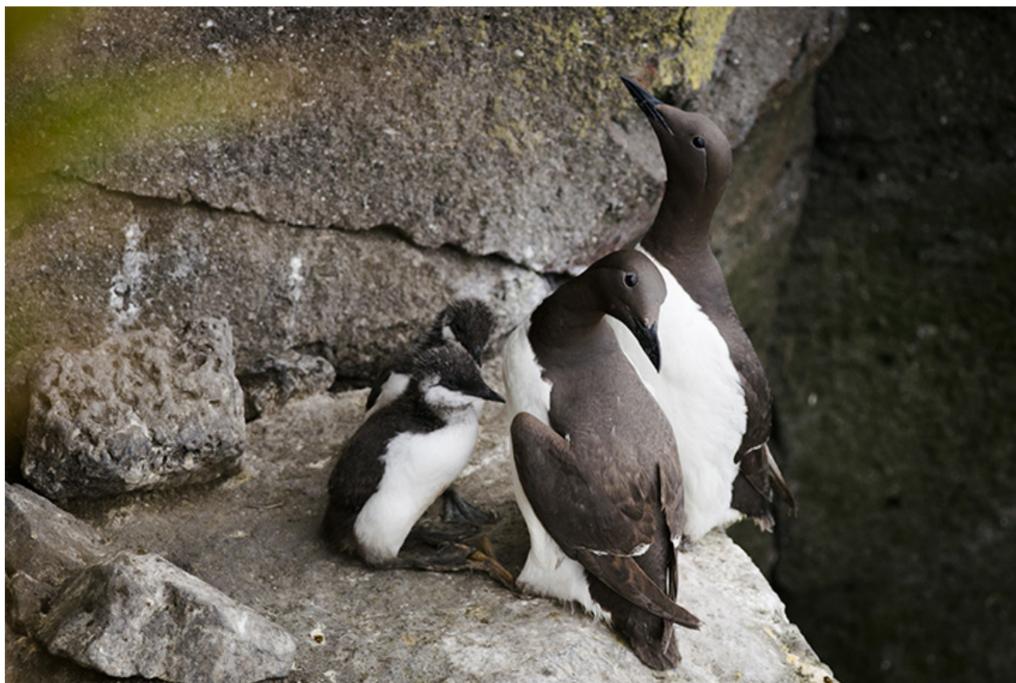
Meu esposo publicou um "teaser" da viagem, está no link https://m.youtube.com/watch?v=AvBxUo_0Sl8 



Snow bunting, *Plectrophenax nivalis*



Tufted puffin, *Fratercula cirrhata*



Common murre, *Uria aalge*



Steller's Jay, *Cyanocitta stelleri*



Lapland longspur, *Calcarius lapponicus*



Gray-crowned rosy-finch, *Leucosticte tephrocotis*



Pacific golden plover *Pluvialis fulva*



Long-billed dowitcher, *Limnodromus scolopaceus*





tapaculo-serrano (*Scytalopus petrophilus*)

Texto e fotos: Ederson Godoy. Contribuição: Geiser Trivelato

Algumas aves são bem difíceis de serem observadas, quer por seu hábito, por sua distribuição ou pelo seu comportamento inconspícuo, como: vocalizar pouco, pequeno porte, camuflagem, raridade, por ser muito arisca ou pela soma de tudo isso. E se são difíceis de serem detectadas são também extremamente complicadas de serem fotografadas.

Uma destas aves difíceis de encontrar é o *Scytalopus petrophilus*, popularmente chamado de tapaculo-serrano, que tem distribuição restrita no centro-sul de Minas até o nordeste e sudeste de São Paulo. Habita locais montanhosos, como partes da Serra do Espinhaço e da Mantiqueira, prefere locais à beira d'água, pedregosos,

com presença de bambuzinhos e samambaias, ou seja, sempre onde a vegetação é densa. A ave também tem a peculiaridade de caminhar no solo entre os emaranhados ciscando na serrapilheira, o que dificulta bastante sua observação.

Por tudo isso a ave foi descrita oficialmente apenas em 2010, antes era confundida com o tapaculo-preto (*Scytalopus notorius*) e possivelmente com o macuquinho-perereca (*Eleoscytalopus indigoticus*) ou simplesmente não era notada.

Recentemente foi observada e fotografada no Planalto de Poços de Caldas, primeiramente pelo experiente Guia *Birdwatching* e Fotógrafo de Natureza, Geiser Trivelato,



tapaculo-serrano (*Scytalopus petrophilus*)



tapaculo-serrano (*Scytalopus petrophilus*)



Primeiro registro fotográfico do tapaculo-serrano para a região do Planalto de Poços de Caldas.

Foto: Geiser Trivelato

na Pedra Branca entre Caldas e Santa Rita de Caldas/MG, e posteriormente pelo fotógrafo e também guia de observação de aves Ederson Godoy, na Serra de São Domingos em Poços de Caldas/MG.

Em 2010, Geiser e os amigos Thomaz Raso (engenheiro florestal) e Juliana Furlani (Bióloga) haviam realizado o registro do tapaculo-serrano na Pedra Branca, mas como a espécie ainda estava sendo descrita, na ocasião foi identificada como sendo um tapaculo-preto (*Scytalopus notorius*) e o registro ficou assim postado no site wikiaves até então.

Com o conhecimento do desmembramento (separação) das duas espécies, Geiser fez uma nova excursão até o local em Santa Rita de Caldas neste ano de 2016, na esperança de reencontrar o local e provar por fotos e gravação de som que a ave do sul de Minas era na verdade o tapaculo-serrano, e não o tapaculo-preto. E deu certo. O 1º registro fotográfico comprovando ser *Scytalopus petrophilus* foi de autoria de Geiser, realizado no dia 20/02/2016 no município de Santa Rita de Caldas/MG.

Essa região em especial sempre foi muito estudada por ornitólogos, devido às várias Unidades de Conservação da região, como Parque da Serra de São Domingos, a

Reserva Biológica da Pedra Branca, a Reserva Biológica da Pedra do Coração, a APA da Pedra Branca, entre outras várias RPPNs (Reserva Particular do Patrimônio Natural).

Também por exigências de órgãos ambientais, houve vários outros trabalhos de pesquisas envolvendo aves, já que a região conta com várias mineradoras. Mesmo depois de tantas pesquisas, somente em 2016 se confirmou a ocorrência do tapaculo-serrano.

No entanto, para ser válida e acrescentada à lista era necessária uma foto descritiva, e em caso de dúvida, fazer também o registro sonoro como prova cabal da ocorrência, como fez Geiser. A foto para ser descritiva tem que ser nítida e expor detalhes, ou seja, mostrar as partes relevantes das características físicas, e, se possível comportamentais da espécie.

Godoy teve que voltar ao local da observação pelo menos 4 vezes para conseguir um bom registro, segundo ele para conseguir registrá-la teve que deitar no chão da floresta e esperar que a ave saísse dos emaranhados da densa vegetação ciliar. *“A ave responde bem ao playback, inclusive nunca vi uma ave que se aproximasse tanto, chegou a literalmente a passar em cima dos meus pés, mas é como fotografar um camundongo”*, complementa Godoy.



Fotografia do tapaculo-serrano com detalhes característicos da espécie

A dica é esquecer o auto-foco e colocar no foco manual quando estiver atrás da vegetação exibindo somente parte do seu corpo e também não usar flash já que a vegetação do primeiro plano fará sombras na ave, porém o sub-bosque da floresta pode ser muito escuro, assim é quase impossível fazer uma boa foto sem luz adicional, então é melhor ter paciência e esperar ela se exibir plenamente e clicar. No caso do tapaculo-serrano a foto tem que mostrar também a parte da traseira exibindo o dourado com estrias pretas que é uma das características principais da ave.

No WikiAves há 18 cidades com registros fotográficos no estado de Minas Gerais, e somente 2 no estado de São Paulo, o que mostra a dificuldade em fotografar a ave.

Já registros sonoros, sem fotografia, são 7 cidades mineiras, e uma cidade paulista. ■



tapaculo-serrano, enfiado no emaranhado da mata

Eu quero ter...



um milhão de amigos observando aves no Brasil!

Entre 20 e 22 de maio aconteceu a 11ª edição do Encontro Brasileiro de Observação de Aves, o Avistar Brasil. Assim como no ano passado, o evento aconteceu no Instituto Butantan de São Paulo e foi um sucesso.

Foram mais de 100 atividades distribuídas ao longo desses três dias, entre palestras, atividades infantis, apresentações culturais, lançamento de livros, feira de produtos orgânicos, exposição de gravuras e fotografias e stands representando empresas e regiões diversas do Brasil, interessadas em atrair o turista observador de aves para conhecer destinos e registrar novas espécies. E claro, muita gente participando.

No primeiro dia o destaque foi o encontro Diálogos, onde representantes de municípios, do turismo e unidades de conservação discutiram diversos temas para viabilizar o fomento da atividade de forma organizada e participativa.

Outro destaque, já tradicional, foi o Birding Ladies que, aproveitando ser este o Ano Internacional do Papagaio, teve como tema principal a Liberdade, representado por pesquisadoras que trabalham em projetos de conservação de psitacídeos do Brasil. Estavam lá Neiva Guedes (Fundação Arara Azul), Vanessa Kanaan

(papagaio-de-peito-roxo) e Camile Lugarini (ararinha-azul). A liberdade também foi abordada de forma divertida através das dificuldades que mulheres enfrentam para poder observar aves.

As palestras, distribuídas nos três dias do evento, discursaram sobre diversos temas como ornitologia, viagens, técnicas de campo e de fotografia, segurança e claro, observação de aves.

Diversos livros foram lançados em seções de autógrafos no sábado e no domingo, com destaque para os livros **Tucanos e Araçaris**, de Frederick Pallinger e Mariana Aprile, **Aves da Fazenda Paciência**, dos meninos João e Antônio Couto, **Aves da Mata Atlântica**, de Martha Argel, **Brasil Selvagem**, de Cristian Dimitrius e **Passarinhos e outros pios**, de Tietta Pivatto.

O Avistar Kids foi cheio de atrações, com Roda de Passarinho, oficina de origami e pintura, trilha das árvores e a construção do ninho de joão-de-barro, sucesso de outras edições do Avistar. As saídas para observar aves também fizeram bastante sucesso com as crianças, que neste ano estavam com presença marcante no evento.



Brincadeiras na casa do joão-de-barro



exposição com gravuras de Spix e Martius

O curso de introdução para observação de aves e a oficinas de técnicas fotográficas sempre contam com muita participação, mas diversas outras atividades também estavam a disposição do público. E este ano duas novidades, o Cine Butantan, que apresentou os filmes **Os Pássaros** (Alfred Hitchcock) e **O Grande Ano** (David Frankel) ao ar livre, e a Exposição e Degustação de PANC's (Plantas Alimentícias não Convencionais), um sucesso na feira.

A exposição fotográfica este ano contou com fotografias de Tony Genérico, Edson Endriigo, Letícia Freire e Luciano Candisani, além das magníficas gravuras de Spix e Martius que compõem o livro *Avium Species Novae*, que podem ser vistas o ano todo no Espaço Olavo Setúbal do Itaú Cultural.

A feira contou com mais de 40 expositores de diversas regiões do Brasil como Bonito/MS, Gonçalves/MG, Itatiaia/RJ, Piraju e Ilha Bela/SP, além de diversas empresas e instituições como a Save Brasil, Centro de Estudos Ornitológicos (CEO) e o Instituto Butantan.

A Revista Passarinhando estava no Avistar também, sendo apresentada aos participantes através de material de divulgação no stand da Maritaca Expeditions e pela

excelente palestra do Norton Santos.

Porém, um dos momentos mais aguardados foi a revelação de qual era a espécie misteriosa redescoberta após décadas sem notícias, e coube ao ornitólogo Rafael Bessa reencontrar a rolinha-do-planalto (*Columbina cyanopsis*) em Minas Gerais, durante um trabalho de campo. Apenas doze espécimes foram avistadas em uma fisionomia distinta do Cerrado local, e agora um grupo de pesquisadores, com apoio da Save Brasil, monitoram as aves e já prepararam um plano de ação para conservação desta raríssima espécie. Foi muito marcante ter uma notícia como esta divulgada em primeira mão em um evento para observadores de aves!

Mais uma vez o Avistar mostrou a importância e o crescimento gradual deste segmento, com participação cada vez maior do público, empresas e instituições, e neste ano, com um tempero especial: o aumento do número de crianças, tanto as herdeiras dos observadores de aves quanto iniciantes, encantadas pelas cores, cantos e comportamento. Isso demonstra um futuro promissor não apenas para a atividade, mas também para a conservação das aves. E a Revista Passarinhando espera fazer parte sempre deste movimento!



Tietta com os Irmãos Mello



Eventos para as crianças no Avistar Kids

Década de 1980... Eu ainda era criança... Lembro-me como se fosse hoje da ansiedade que sentia toda vez que estava prestes a abrir mais uma embalagem de chocolate Surpresa... Por causa do chocolate? Também! Mas o que eu realmente queria era ver qual era o animal que estava presente na figurinha que acompanhava cada embalagem do chocolate!

Com certeza esse foi um dos tesouros mais preciosos da minha infância.

O autor da maioria das fotos? Luiz Claudio Marigo, pioneiro da fotografia de natureza no Brasil, premiado aqui e no exterior e herói não só meu, mas de milhares de crianças que cresceram inspiradas pelo seu trabalho.

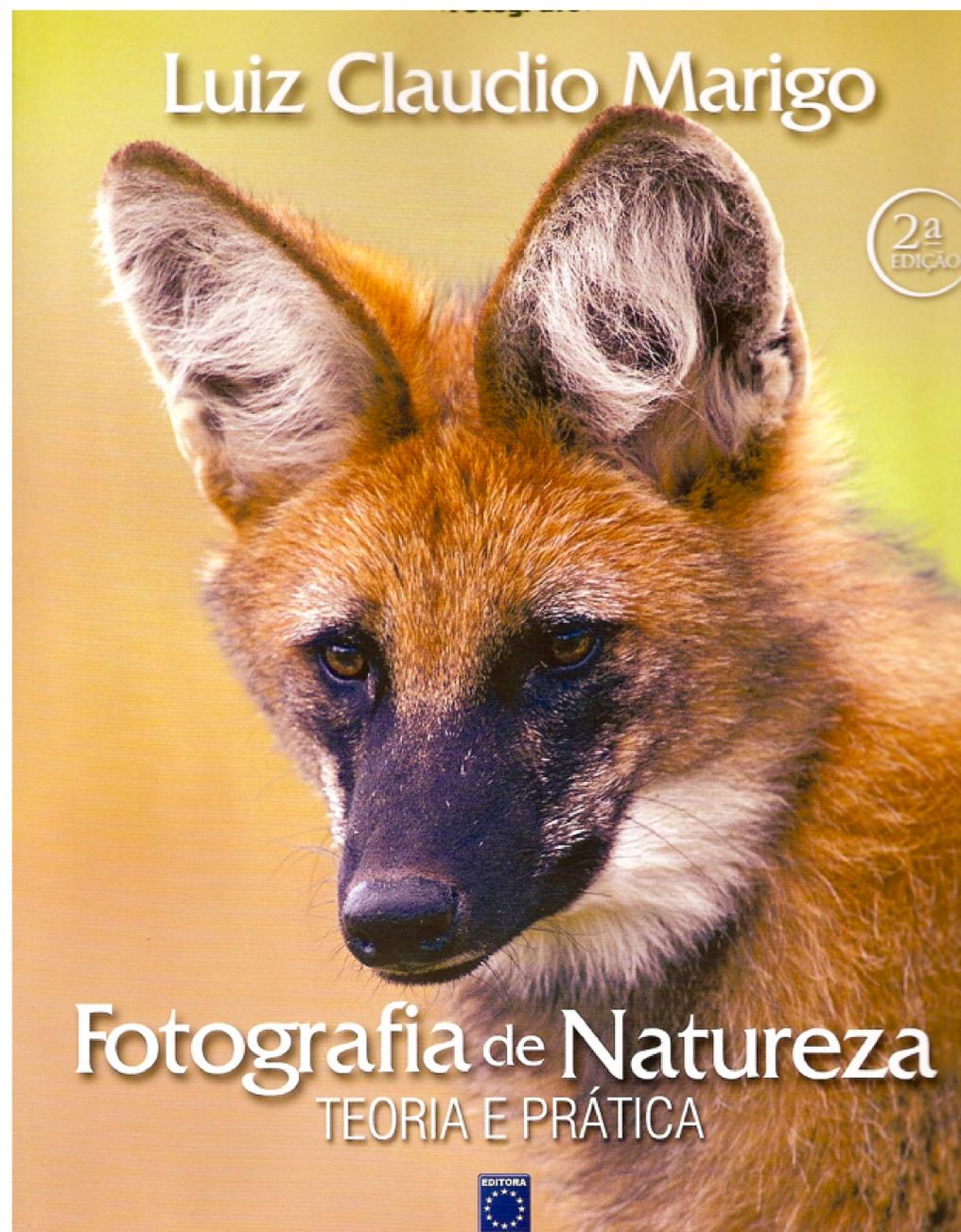
Luiz Claudio Marigo foi notável não somente como fotógrafo, mas também como conhecedor da natureza, pesquisador e defensor da biodiversidade brasileira, influenciando gerações de fotógrafos, biólogos e outros profissionais e amantes da natureza.

"Fotografia de Natureza - Teoria e Prática" é, na verdade, uma coleção de artigos publicados por ele originalmente na revista Fotografe Melhor, uma das mais destacadas revistas do segmento de fotografia na América Latina, agrupados e atualizados em forma de livro.

O autor não utiliza linguagem técnica excessiva, mas ao mesmo tempo fala a linguagem do fotógrafo, fazendo deste um livro didático, objetivo e de leitura leve e agradável.

São ao todo 18 capítulos que cobrem vários aspectos técnicos, práticos e teóricos da fotografia de natureza.

O livro começa com uma discussão sobre o olhar e a técnica da fotografia, passando por temas importantes como composição, fotometria, controle da luz e fill-flash. Depois são abordados assuntos práticos como fotografia de mamíferos, aves, animais de sangue frio, plantas, paisagens e seres humanos na natureza. Por fim, são discutidos temas importantes como *workflow*, primeiros passos de quem está começando a fotografar e na



profissão, fotógrafo como editor e por fim um grande debate sobre o que é fotografia e para que ela serve. No decorrer do livro, o autor procura abrir a mente do leitor, criando um estímulo para que este desenvolva seu olhar e busque seu lado criativo, artístico e questionador.

Luiz Claudio Marigo usa belíssimas fotos e cita inúmeros casos e experiências próprias para ilustrar cada um desses temas, mostrando o certo e o errado em cada situação. Essa é a parte mais interessante deste livro, já que é aqui que o autor divide e compartilha seus conhecimentos e sua rica história de vida com o leitor. Uma verdadeira lição de humildade, ética, profissionalismo e amor à natureza e à arte de fotografar.

Mas engana-se quem acha que os ensinamentos aqui

descritos aplicam-se tão somente à fotografia da natureza, pois, na verdade, todos os conceitos são explicados de forma tão clara, simples e brilhante, que podem ser aplicados a quaisquer áreas da fotografia. Vale destacar que o livro foi o vencedor do ano de 2011 na categoria "Fotografia" do Prêmio Jabuti de Literatura, o mais importante prêmio literário do Brasil e organizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Esta obra é altamente recomendada para qualquer fotógrafo, iniciante ou não, pois contém preciosos ensinamentos e dicas de Luiz Claudio Marigo, um dos maiores expoentes da fotografia brasileira.

Ele próprio define, brilhantemente, o papel dos que seguem por esse caminho: "A conservação da biodiversidade depende do conhecimento e do amor. O papel dos fotógrafos de natureza é despertar a

consciência do homem para a incrível riqueza da vida na Terra, sua beleza e valor espiritual".

Informações:

TÍTULO: Fotografia de Natureza - Teoria e Prática (2ª edição)

AUTOR: Luiz Claudio Marigo

EDITORA: Europa

COLEÇÃO: Biblioteca Fotografe

IDIOMA: Português

ISBN: 978-85-7960-032-6

FORMATO: 21cm x 28cm

PÁGINAS: 210 páginas

WEBSITE: <http://www.livrariaeuropa.com.br/>



Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana** brasileira

ECOROTAS
TURISMO

Pacotes ecoturísticos Roteiros de Birdwatching Expedições Hospedagem Translados

✉ reservas@ecorotas.com.br **f** facebook.com/ecorotas ☎ 62 3446 1820 www.ecorotas.com.br



Fotografar aves é algo geralmente descrito como complicado, na maioria dos livros de fotografia de natureza/vida selvagem. Não é a toa: as dificuldades vão desde falta de boa luz, quando fotografando em mata fechada, passando por bichos extremamente irrequietos, e muitas vezes, bichos que são considerados fantasmas, nunca aparecem, mesmo que você os esteja ouvindo bem próximos.

Blinds, do termo em inglês, ou simplesmente esconderijos, são artifícios criados para permitir que fotógrafos se escondam no ambiente, de forma que as aves não os vejam, e muitas vezes, não os ouçam.

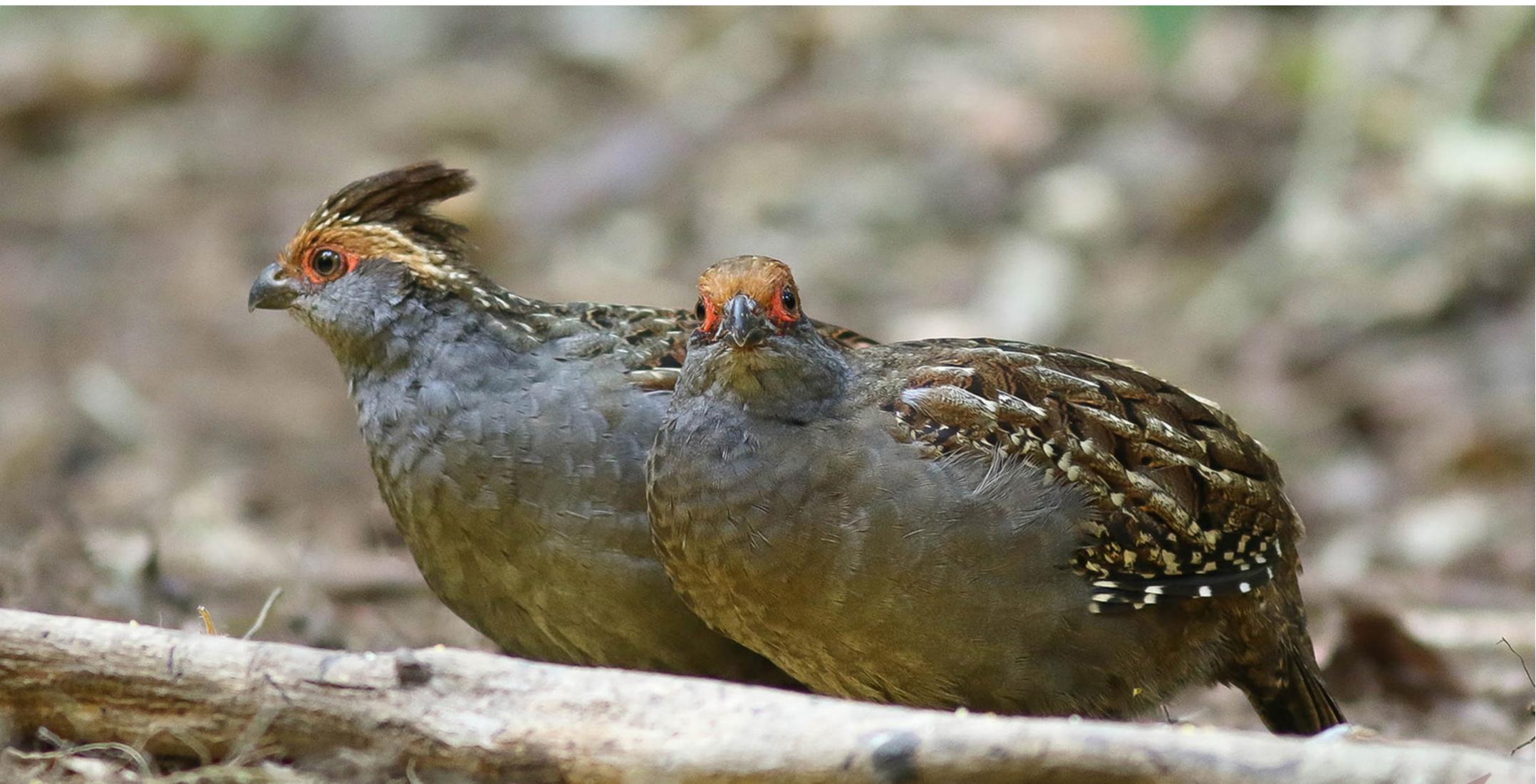
Na edição 3 da Revista Passarinhando, publicamos uma matéria sobre os tinamídeos de Joinville/SC. Lá, Vilde Florêncio construiu um *blind*, e passou a fotografar espécies que são extremamente difíceis de serem fotografadas em situações normais dentro da mata.

Vilde construiu o *blind* em uma região de Mata Atlântica, e alguns tinamídeos passaram a frequentar o local.

Pois Vilde deu exemplo, e outras três pessoas seguiram o caminho e construíram *blinds* em suas cidades ou áreas de atuação. Elas trabalham como guias de observação de aves, então já dá para imaginar a alegria dos fotógrafos quando conseguem passarinho por lá.

Por coincidência, todos os casos apresentados nessa matéria são em ambientes de Mata Atlântica.

Elvis Japão construiu um *blind* em Salesópolis/SP. Thiago Carneiro improvisou um em Campos do Jordão/SP. E Hudson Soares fez o seu em Itatiaia/RJ. E os resultados já são visíveis, diversos observadores e fotógrafos passaram a frequentar o lugar, e a conseguir fotos excelentes de espécies comumente difíceis de serem fotografadas.



Uru, espécie dificilmente vista e fotografada em situações normais, é uma das espécies observadas no *blind* de Salesópolis/SP.

Nenhum dos três *blinds* apresentados foi construído em área de posse dos guias apresentados.

Todos foram montados em propriedades particulares, e foram devidamente autorizados pelo proprietário.

Uma informação importante é que todos os três guias usam ceva para atrair as aves. Esse é um processo que, se feito de forma consciente e cuidadosa, não traz problemas. Mas deve haver um monitoramento constante dos guias, para evitar que o ponto do *blind* possa ser usado de forma maldosa por outras pessoas, como por exemplo, caçadores.

O ideal é que *blinds* não sejam feitos por qualquer pessoa. Deve-se ter um bom conhecimento sobre a área, sobre as aves e seu comportamento. E, obviamente, ser feito em local permitido.

Temos sempre que tem mente que antes de qualquer observação, qualquer fotografia, tem que vir a preocupação com a saúde e bem estar das aves. Não queremos somente vê-las, mas vê-las e saber que estão bem, estão protegidas.

O comportamento do observador ou fotógrafo no *blind* também deve ser diferenciado. Veja abaixo sugestões do guia e fotógrafo de natureza, Geiser Trivelato:

Como guia de observadores de aves e como fotógrafo de aves pelo Brasil desde 1999, aprendi com os erros que certos comportamentos de algumas aves florestais como urus, inhambús, tovacas, macucos, jaós, apenas para citar algumas espécies da mata-atlântica, são extremamente ariscas. Quando encontramos algumas delas nas trilhas certamente elas se escondem bem mais rápido do que conseguimos apontar as lentes. Mas com o passar dos anos algumas técnicas para atrair estas aves vem sendo colocadas em prática aqui no Brasil, com comedouros para atraí-las.

Mesmo com os comedouros e com estas espécies sendo cevadas, tenho notado que a maioria dos fotógrafos de aves não sabe se comportar como

deveriam diante destas aves.

No caso de estar em um blind, é extremamente recomendado não usar flash, não fazer playback, pois neste caso o que vai atrair a ave é a comida, e com a reprodução do som através do playback, isso pode ter o efeito contrário, e fazer com que a ave que estava se aproximando deixe de ir se alimentar, pois geralmente onde esta o comedouro não é o território daquela ave.

Outro detalhe muito importante, não se deve conversar quando se esta dentro do esconderijo, mesmo o sussurrar baixo deve ser evitado. O ideal é chegar cedo, muitas vezes logo ao amanhecer e entrar dentro e esperar até que as aves se aproximem.

Evite ficar tirando e colocando a lente e a câmera a todo momento. O ideal é colocar o equipamento no tripé e ajustá-lo na altura uma única vez colocando a parte frontal da lente na abertura oferecida no blind e depois não tirar mais ela dali. O movimento a partir desde momento seria suave e feito na horizontal e vertical da cabeça do tripé se precisar seguir a ave que aparecer para se alimentar. Se a pessoa começar a tirar e colocar a câmera a todo momento o movimento e o barulho do tecido camuflado ou da folhagem colocada na frente do esconderijo vai com certeza afugentar a ave.

Outro detalhe que costuma funcionar bem nas fotografias realizadas dentro de um blind é a situação de esperar para dar o 1º click apenas quando a ave já estiver começado a comer na ceva, pois antes disso elas geralmente estão mais em alerta, analisando o terreno e podem se espantar facilmente com o barulho do click da câmera.

Enfim, são pequenos detalhes que podem fazer a diferença entre uma boa fotografia dentro de um esconderijo em frente a uma ceva na mata. Esses detalhes muitas vezes podem ser decisivos para que espécies florestais e de chão apareçam e possam permitir serem fotografadas."



Com relação às técnicas fotográficas, há alguns detalhes que devem ser observados pelos interessados em fotografar em *blinds*.

Veja algumas dicas de Luiz Carlos Ribenboim, um dos grandes fotógrafos brasileiros de aves, e que tem fotografado em alguns dos *blinds* apresentados nessa matéria:

Se a luz estiver escassa é fundamental usar tripé, ou apoiar a câmera em alguma tábua ou algo parecido, que esteja no *blind*. Usar prioridade de abertura, com abertura máxima possível para sua lente, compensar a

exposição para menos (o quanto vai depender de variáveis diversas como por exemplo luminosidade do fundo) e também, para quem gosta desse recurso, levantar o espelho.

Além disso usar o ISO mais alto que a câmera aguenta sem granular muito. Quem não gosta de espelho levantado a recomendação é tirar um bom número de fotos em sequência, pois a chance de uma ou mais ficarem boas é grande.

A seguir são apresentados os *blinds* de Salesópolis/SP, Campos do Jordão/SP, e Itatiaia/RJ.



tovaca-de-rabo-vermelho, *Chamaeza fuficauda*, fotografada do *blind* de Itatiaia/RJ

Foto: Hudson Martins Soares



Salesópolis/SP

Primeiro, vamos apresentar o trabalho de Elvis Japão, de Salesópolis/SP. Elvis mora na região, e conseguiu construir um *blind* no Museu de Energia e Saneamento de Salesópolis, próximo de onde mora, e tem guiado observadores e fotógrafos pela região, e obviamente, os leva até o *blind*. Elvis também é conhecido por levar observadores para conhecer o bicudinho-do-brejo-paulista (*Formicivora paludicola*), habitante da região.

Segundo Elvis, a ideia não é nova, conforme ele mesmo nos conta: "bom, tenho a ideia de montar o *blind* há algum tempo, na verdade já tinha montado em alguns pontos, mas não deram certo por serem distantes para a manutenção, monitoramento e segurança das aves."

Inicialmente a ideia de Elvis era para observar as aves, seus comportamentos, e eventualmente fotografá-las, dado que é muito mais fácil do que em situação normal.

Ele conseguiu a aprovação da Fundação Patrimônio Histórico, proprietária do local. A área conta com 135 hectares de Mata Atlântica bem preservada, e é lá que Elvis trabalha. Não só liberaram, como o incentivaram a fazer o *blind*, com uma condição: sempre que alguém for até o local, Elvis deveria acompanhar e monitorar, assim como garantir um número adequado de pessoas, sempre

pensando na preservação do local, e principalmente na tranquilidade das aves.

Bom, com a autorização dada, Elvis passou a trabalhar no *blind*. Ele nos fala que contou com o incentivo de alguns amigos para fazer o *blind*, e também com muitas dicas sobre os cuidados do local e dos bichos.

O *blind* está instalado em área particular, que facilita os monitoramentos, a segurança das pessoas e das aves.

As espécies monitoradas nos comedouros são: inhambuçu (*Crypturellus obsoletus*), uru (*Odontophorus capueira*), juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), juriti-gemeadeira (*Leptotila rufaxilla*), saracura do mato (*Aramides saracura*), tiê-do-mato-grosso (*Habia rubica*), tiê-de-topete (*Lanio melanops*).

Outras espécies já foram vistas próximo do local, e Elvis acredita que é questão de tempo para irem no *blind*: macuco (*Tinamus solitarius*), pariri (*Geotrygon montana*), inhambu-chintã (*Crypturellus tataupa*), tovacuçu (*Grallaria varia*), inhambu-chororó (*Crypturellus parvirostris*).

Se você tem interesse em uma passarinhada com Elvis, pode entrar em contato nos seguintes meios:

- Fones: (11) 95774-414, (11) 996727104
- Facebook: <https://www.facebook.com/elvis.jesus.146>



Blind em Salesópolis/SP.



Blind em Salesópolis/SP. Observador totalmente escondido

Campos do Jordão/SP

Thiago Carneiro é guia de observação de aves em Campos do Jordão e região, desde 2012. A edição 2 da Revista Passarinando apresentou Thiago na seção **Conheça um Guia**. Thiago também é conhecido pelas fotos que faz do gavião-pega-macaco, e por proporcionar o mesmo a vários observadores de aves que vão até sua cidade em busca dessa magnífica ave. Desta vez, vamos mostrar seu trabalho com *blind*.

O *blind* não é fixo, Thiago o monta sempre que leva alguém para tentar ver / fotografar a estrela da área: tovaca-de-rabo-vermelho, *Chamaeza ruficauda*.

Em uma consulta rápida no WikiAves, dá para notar que nos últimos 12 meses Thiago levou umas 50 pessoas para ver e fotografar essa espécie.

O local é de fácil acesso. Chaga-se lá de carro, e há uma trilha de uns 200 metros, relativamente tranquila de fazer.

Ao chegar no ponto certo, Thiago arma o blind, coloca uma vocalização ou outra do bicho, e aí é só esperar. O observador/fotógrafo tem que ter paciência, não só para aguardar, mas também para ficar quieto. Mas a recompensa é grande, quando o bicho aparece. E aparece com frequência.



tovaca-de-rabo-vermelho em Campos do Jordão/SP

Foto: Thiago Carneiro

Para fotografar, o ideal é uma lente menor que 500mm, se for usado um corpo cropado. Com 500mm ainda é possível, mas dependendo do local que o bicho aparece, pode ficar grande no quadro, e comprometer composição. Se o corpo for *full-frame*, aí fica tranquilo. Vale a pena marcar uma passarinhada com Thiago, até por que além da tovaça, há grande chance de se encontrar o gavião-pega-macaco por lá.

Se você tem interesse em uma passarinhada com Thiago, pode entrar em contato nos seguintes meios:

- Fone: 012 99773-2654
- Facebook:

<https://www.facebook.com/thiago.carneiro.792>



Blind em Salesópolis/SP. Observador totalmente escondido

Itatiaia/RJ

Itatiaia tem um dos parques nacionais mais famosos do Brasil, o primeiro do país, o Parque Nacional de Itatiaia. O lugar é palco de uma lista bem grande de aves, e atrai observadores do país todo, e também muitos observadores estrangeiros.

Hudson Martins Soares é guia na região, e também criou um *blind* no local. Veja matéria sobre Hudson na seção **Conheça um guia**, [nessa edição](#). 

O *blind* foi uma parceria com o Hotel Donati, que fica dentro do Parque Nacional do Itatiaia, hotel esse que pretende se tornar também um ótimo roteiro para se observar e fotografar aves.

A princípio foi colocado em um ponto mais afastado da sede do hotel onde já ouvimos a tovaca e o inhambuagaçu, mas somente a pariri apareceu e apenas um dia.

Um funcionário do hotel sempre colocava quirela para os canarinhos e avisou Hudson que um bichinho marrom, com o peito riscadinho, estava indo ao comedouro, e quando Hudson foi verificar, confirmou ser a tovaca-cantadora, *Chamaeza meruloides*. Foi o motivo para que o *blind* fosse montado bem perto dali.

As espécies que estão indo ao comedouro são a



tovaca-cantadora, *Chamaeza meruloides*.

Foto: Hudson Soares



Blind em Itatiaia/RJ

tovaca-cantadora, sabiá-laranjeira, tié-preto, trinca-ferro, saracura-do-mato, jacuaçu, juriti-pupu e a pariri. Nesse mesmo local é possível fazer fotos também de outras aves, como o barranqueiro-de-olho-branco, limpa-folha-coroadado, tangara, tangarazinho, flautim, chupa-dente, entufado, vira-folha, formigueiro-assobiador, assanhadinho-de-cauda-preta, entre tantos outros. Também foram feitos registros de alguns mamíferos com uma armadilha fotográfica (macaco-prego, esquilo, paca, irara e alguns pequenos roedores).

A expectativa é poder registrar outras aves ali também com o uso do esconderijo, já que pode-se ouvir bem perto o tovacaçu, inhambuagaçu e inambu-chintã.

Há um outro ponto na estrada que leva à parte alta do parque, onde Hudson monta um *blind*, porém esse não é fixo. Pode-se observar e fotografar a tovaca-de-rabo-vermelho, e também outras aves que sempre passam pelo localm como tapaculo-preto, quete, peito-pinhão, estalinho, sanhaçu-frade e catraca. A expectativa é poder observar também o pinto-do-mato que sempre canta por perto.

Para entrar em contato com Hudson:

- 024 3381 6175 / 024 99813 2022
- guianasagulhasnegras@gmail.com
- <https://www.facebook.com/hudson.guibirdwatching> 



Pesquisa e texto inicial: COA POA, Organização: Jefferson Silva

O maçarico-de-papo-vermelho, *Calidris canutus*, é uma ave migratória, que passa a vida viajando. Há 5 subespécies, e a *C. c. rufa* visita o Brasil anualmente. Essa subespécie está ameaçada de extinção, sendo nacionalmente incluída na categoria Criticamente em Perigo.

A ave reproduz no Hemisfério Norte (principalmente no Norte do Canadá) e migra para o Hemisfério Sul todo ano. Em geral sai do Canadá no final de julho, faz algumas paradas no Canadá e EUA. Depois parte em direção a Terra do Fogo, na Argentina. E no trajeto para no Brasil, basicamente em dois pontos: Maranhão e Rio Grande do Sul. Só retorna no ano seguinte, no final de maio / início de junho.

É muito fácil observar o maçarico-de-papo-vermelho no litoral gaúcho, principalmente na região da Lagoa do Peixe, local de destino para muitos observadores de aves, por ser também local de parada de várias outras aves migratórias.

Entre o final de abril e o início de maio muitos indivíduos estão retornando para os locais de reprodução, aumentando as chances de serem observados no litoral do Rio Grande do Sul durante essa migração. Muitos desses indivíduos são marcados com “bandeirolas” e/ou anilhas coloridas, o que permite a identificação e individualização das aves.

Saídas a campo

No dia 23 de abril de 2016 o COA POA (Porto Alegre) realizou uma saída com o objetivo específico de registrar aves costeiras marcadas com bandeirolas e anilhas.

O pequeno grupo de participantes (sete observadores) iniciou o percurso às 09h30min, em Magistério (Balneário Pinhal), e se deslocou aproximadamente 15 km pela beira da praia, na direção sul.

A principal espécie em questão foi o maçarico-de-papo-vermelho (subespécie *Calidris canutus rufa*).



maçarico-vermelho, *Calidris canutus rufa*

Foto: Jefferson Silva

Uma semana depois, 30 de abril, o grupo fez uma segunda saída, com 4 participantes.

Na primeira saída, dia 23, durante três horas de observação foram registrados 21 indivíduos de maçarico-de-papo-vermelho marcados/anilhados, para os quais foi possível determinar o código inscrito na bandeirola. Foram contados seis bandos diferentes, que variaram de tamanho (de 73 a 205 indivíduos), totalizando cerca de 700 indivíduos.

A segunda saída do COA POA também registrou indivíduos de *C. c. rufa*, porém em número muito menor quando comparado com a primeira saída. Foram 245 indivíduos contabilizados, totalizando 945 maçaricos, o que representa algo em torno de 2,2% da população total de *C. c. rufa*, estimada em 42000 indivíduos.

Uma das hipóteses levantadas pelos observadores e ornitólogos do grupo é o fato de o tempo ter tido uma virada brusca, com uma queda acentuada na temperatura na região, e mudança na direção dos ventos.

Considerando as duas saídas, entre os bandos registrados, o maior tinha 205 indivíduos.



Metodologia

Diferentes métodos para o registro das aves marcadas com bandeirolas foram empregados, sendo que a tomada de fotos do bando de forma aleatória apresentou bons resultados, sugerindo que este é um método mais produtivo para este objetivo (pelo menos em relação à observação tradicional com binóculos ou lunetas). Outro ponto que aumentou a eficiência dos registros foi fazer uma “varredura” dos mesmos bandos por pelo menos dois observadores independentes, fotografando o máximo possível de indivíduos. Assim, possíveis registros perdidos por um observador podem ser recuperados pelo outro.

Dos indivíduos registrados com bandeirolas, 15 foram inicialmente anilhados nos EUA, 6 na Argentina e 1 no Chile. A cor da bandeirola determina o local de anilhamento inicial, como pode ser visto no site BandedBirds. [🔗](#)

Um dos indivíduos registrados pelo COA POA tem a bandeirola L5Y. De acordo com a política do site bandedbirds.com, não podemos divulgar informações relativas à essa espécie, como onde e quando foi anilhada inicialmente, e por onde já passou. Fica para cada leitor que eventualmente tenha curiosidade consultar dados da vida dessa ave.

Conclusões

O trabalho permitiu algumas conclusões, tanto sobre o método utilizado, quanto das observações.

Sobre o método, o grupo acredita que fotografias aleatórias dos bandos demonstram bons resultados. Ter dois observadores por veículo aumenta a eficiência

dos registros.

Quanto às observações, aproveitou-se a ocasião para registrar outras espécies durante o percurso. O maçarico-branco (*Calidris alba*) esteve presente em grande número (muitas vezes junto com *Calidris canutus*), porém não foi possível observar nenhum indivíduo anilhado. Observou-se, também, um falcão-de-coleira (*Falco femoralis*) tentando um ataque sem sucesso a um bando de maçarico-de-papo-vermelho.

Os resultados mostraram que pode haver uma diferença muito grande em um período de uma semana, e essas diferenças podem estar relacionadas às condições ambientais.

O grupo ressalta a importância da preservação do bem-estar das aves. Ao aproximar de um bando, buscou-se sempre um limite de aproximação, de forma a não interferir no comportamento das aves, que já sofrem com outras interferências, como cães, pessoas ou carros nas praias. ■



Calidris canutus rufa, bandeirola L5Y

Foto: Roberto Dall'Agnol



CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS

- ✦ **Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio**
- ✦ **Observação de vida selvagem**
- ✦ **Infraestrutura para turismo de observação de aves**
- ✦ **Sistemas de Gestão de Segurança**

**MARITACA
EXPEDITIONS**

ASSOCIADO



OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882



REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO



dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
• aventura • parceiros • novidades • equipamentos
• natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

Você gostaria de ver uma foto sua publicada nas páginas da Revista Passarinhando?

Há duas seções que publicamos as fotos dos nossos leitores: **Galeria do Leitor** e **Outros bichos**.

Escreva pra revista no email fotodomes@revistapassarinhando.com.br, mande sua foto em formato JPG, 1850 x 1233 pixels, e todos os dados sobre onde ela foi feita, quando foi feita e os dados do EXIF.

Ela pode ser selecionada para publicação nas edições futuras da revista.

Abraço,
Equipe Revista Passarinhando

